



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

LAUCI JOÃO CORREIA

TABUS LINGUÍSTICOS DE CUNHO SEXUAL NO GUINEENSE MODERNO

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

LAUCI JOÃO CORREIA

TABUS LINGUÍSTICOS DE CUNHO SEXUAL NO GUINEENSE MODERNO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras - Língua portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira de Andrade Lima.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

C848t

Correia, Lauci João.

Tabus linguísticos de cunho sexual no guineense moderno / Lauci João Correia. - 2020.
58 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira de Andrade Lima.

1. Estudantes universitários - São Francisco do Conde (BA). 2. Língua guineense.
3. Sexismo na linguagem - Guiné-Bissau. 4. Tabu linguístico. I. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Estudos de caso. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 410.9603067

LAUCI JOÃO CORREIA

TABUS LINGUÍSTICOS DE CUNHO SEXUAL NO GUINEENSE MODERNO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês da UNILAB, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovado em 5 de fevereiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Manuele Bandeira de Andrade Lima (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Shirley Freitas Sousa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico esse trabalho à mulher que eu mais admiro na vida, minha avó Lucinda Soares da Gama e minhas duas tias que não estão mais entre os vivos, Antoneta e Artimiza.

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer a minha querida e incansável orientadora, Professora Dra. Manuele Bandeira, por dedicar o seu precioso tempo para me orientar. Mesmo sem eu estar muito preparada para escrever a monografia, ela não desistiu. Não sou fácil de lidar, por isso tem a minha eterna gratidão, respeito e admiração. Esse tema só se tornou realidade graças à minha orientadora.

Aos cinquenta estudantes que gentilmente participaram da minha pesquisa de campo, respondendo aos questionários, por causa de vocês também esse trabalho se fez realidade.

Agradeço a Prof. Dra. Sabrina Barsalobre e a Prof. Dra. Shirley Freitas por terem aceitado o convite de fazer parte da banca examinadora do meu TCC. São escolhas das quais não me arrependo de ter feito, porque são professoras que também marcaram a minha trajetória acadêmica no Curso de Letras.

A minha família, agradeço todo dia e nunca será suficiente o meu agradecimento e aproveito mais essa oportunidade para eternizar minha infinita gratidão por acreditarem sempre em mim, mesmo quando desisto de acreditar se consigo ou posso fazer algo.

Minha mãe minha referência (responsável pela minha educação) mulher batalhadora "**mindjer bidera**" que labuta diariamente para o sustento e criação dos meus irmãos, primas e eu. Mulher que, às vezes, esquece de fazer o seu próprio cabelo, priorizando as necessidades dos filhos.

Ao meu pai, meu melhor amigo, aquele que me apoia em tudo e qualquer decisão e escolhas da vida. Agradeço-te por ser um pai que na outra vida festejaria ter, por ser um pai presente trabalhador e homem mais humilde que conheci.

Ao meu encarregado, Elias Correia, meu segundo pai, tem a minha eterna gratidão, por cuidar sempre de mim, de acompanhar sempre o meu percurso escolar, na igreja e em casa. Muito obrigada!

À minha tia, outra mãe, a primeira pessoa que me acompanhou até a porta de escola no meu primeiro dia do ano primário, esse dia ficou eternizado na minha cabeça, por chorar pensando que ia me abandonar num lugar estranho, mas agora sei qual era o propósito daquilo. Obrigada de coração!

Às minhas tias que contribuíram de uma forma direta ou indireta na minha vida (Sabu, Nita, Fátima), sou e serei grata por tudo.

À minha família aqui no Brasil, Janica, uma irmã que nunca tive e Rosiani, minha tia amiga, vocês são pessoas que me inspiram por nunca desistir do impossível. Me deram teto

quando eu precisei, água quando estava com sede e comida quando tinha fome e são minhas amigas quando preciso conversar, minhas conselheiras, parceiras, obrigada por TUDO.

À Milanca, meu obrigada, por dividir uma casa comigo até o término do curso, por me aturar, minha amiga e colega de liceu à academia. Muito obrigada por me dar o melhor sobrinho do mundo (Haniel), razão de eu querer abrir a porta do quarto mesmo quando fico triste, só para ver aquele sorriso inocente.

Ao Hery e Jamel, meus queridos manos, obrigada por fazer parte da minha vida.

Ainda às minhas amigas e amigos por sempre estarem do meu lado dando apoio e, mesmo distantes, consigo sentir suas energias e desejo de me ver vencendo na vida. São pessoas que levarei para vida toda, que são irmãos quando preciso, dão melhores conselhos. De novo, escolheria ser vossa amiga (Ani Costa, Cadidjato Djamila, Carlos Pereira Kapcine Cá, Mominhet Injami, Sibinia Cá e Sonia Lima).

Às pessoas importantes que conheci na minha trajetória na Unilab e uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida (Vitoria Có, uma amiga querida, Zinha Nanque e Aua Sillá, minhas afilhadas acadêmica, Aniusia Nima, minha prima, Glória e Gisela Có, minhas colegas desde os tempos de ensino médio até academia, Felisberto, pessoa que admiro muito, Teodor, meu melhor amigo aqui na Unilab, Sene e Alassana, irmãos que o destino trouxe para mim e levarei para toda vida, Piquinina Oliveira, sempre mandando energias positivas, Baticã Mané, por perguntar sempre do meu progresso acadêmico e Magaly e Ludi, minhas amigas). Sou grata por ter conhecido todos/as e levarei essas lembranças sempre comigo.

Ao meu padrinho Ivo Ié, que se preocupa comigo, dá apoio. Muito obrigada por me convencer a me inscrever para bolsa do PIBID e por me incentivar a correr sempre atrás daquilo que acredito.

Meu muito obrigada para uma pessoa especial da minha vida, Usman Baldé (Many), alguém que esteve e sempre está presente e do meu lado, para apoiar, servir de amigo nos momentos bons e ruins que nunca faltam na convivência. Obrigada por me proporcionar momentos únicos e inesquecíveis.

Aos meus colegas do projeto de Iniciação à Docência (Ana Kézia, Marcos Nunes, Marcos Vinícios, Segunda Cá e Nimésio) e à coordenadora Professora Dra. Vânia Vasconcelos, obrigada pelo aprendizado e experiências com vocês.

Aos meus amigos, João Imbatene, que sempre está disponível para me ajudar, tirar minhas dúvidas e aconselhar, com você tenho um aprendizado constante, ao Marcos Nunes, uma pessoa determinada, respeitosa e técnico do meu computador, muito obrigada por tudo.

A minha turma “Letras por amor”, agradeço por todos os momentos bons e ruins compartilhados. Meus agradecimentos especiais a Manu Pereira, Júlio, Nuémia, Maria, Elzira, Natali e Valdimiro.

Obrigada e desculpas para aquelas pessoas que não mencionei aqui que, de alguma forma, contribuíram para realização desse trabalho. Este estudo contou com a colaboração de muitas pessoas, contudo quaisquer falhas encontradas ao longo do texto são de responsabilidade da autora.

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender alguns aspectos linguísticos e sociais relacionados ao uso dos tabus linguísticos em guineense moderno, discutindo os processos envolvidos no referido fenômeno a partir dos relatos de estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), *campus* Malês. Estudar e pesquisar sobre tabu em guineense (também conhecido como kriol) impõem dificuldades, posto que é uma língua que não tem sido alvo de muitos estudos, principalmente em relação ao fenômeno mencionado, objeto esse ignorado, muitas vezes, devido ao preconceito e ao temor que o falante pode ter ao pronunciar palavras relacionadas aos órgãos sexuais ou ao sexo, por exemplo. Para análise do presente estudo, utilizamos questionários aplicados a 50 (cinquenta) estudantes guineenses da Unilab, *campus* Malês. No tocante às perguntas do questionário, fizemos inicialmente um levantamento de dados sociais, como: idade, sexo, religião e curso de graduação. Para compreender de que maneira os 50 alunos se relacionam com os tabus linguísticos, de cunho sexual, realizamos 10 (dez) perguntas. Como resultados gerais, foram selecionadas 8 (oito) formas de denominar ‘nádegas’, entre elas estão: **rabada** sendo a preferência de 40 (quarenta) alunos, correspondendo a 80%, o termo **bunda** foi a preferência de 6 (seis) informantes, representando 12%, apenas 1 (um) informante usa **kadera**, equivalendo-se a 2% e, em outros casos, houve o uso simultâneo de duas expressões daquelas mencionadas (**bunda** e **rabada**) por 3 três pessoas, resultando em 6% de frequência. Para se referir nominalmente ao órgão sexual feminino, temos: **kunu** – usado por 20 pessoas (40%), **pampana** – usada por 18 informantes (36%), **katota** usada por 3 pessoas (6%) e demais itens (**mindjerdadi**, **femiandade**, **putinani**, **katchora** e **bunda**) usados por 9 indivíduos (18%). Além disso, foram encontradas algumas expressões para se referir à ‘relação sexual’ ou ao ‘sexo’, tais como: **fassi sexo** – usada por 21 (vinte e um) informantes (42%), a expressão **moka** empregada por 17 (dezesete) informantes (34%), **dita ku alguin** – expressão usada por 5 (cinco) pessoas (10%) e, por fim, houve outras formas (**fasi amor**, **fasi macardessa** e **relason sexual**) empregadas por 7 (sete) pessoas (14%). Tendo em vista os dados apresentados, baseado nas repostas e relatos dos informantes, nota-se que não só existem tabus linguísticos em guineense como sua relação com cada falante interfere nas escolhas dos vocábulos utilizados, podendo levar à manutenção de determinados itens (**rabada** ‘nádegas’), à diminuição no uso de outros vocábulos considerados “indecorosos” (**katota** ‘vagina’) ou mesmo à criação de novas palavras ou à extensão semântica de itens existentes (**bunda** para se referir a ‘vagina’). Os tabus linguísticos como os supramencionados, no futuro, podem ser preservados, extintos e/ou substituídos por novas palavras. Em parte, o que definirá o destino de cada item é, sem dúvida, de que maneira seus falantes o enxergam e o empregam. O presente estudo, preliminar, buscou discutir tais caminhos e apontar possíveis razões sociais para o uso maior de determinados itens em detrimento de outros pelos estudantes guineenses da Unilab, Malês.

Palavras-chave: Estudantes universitários - São Francisco do Conde (BA). Língua guineense. Sexismo na linguagem - Guiné-Bissau. Tabu linguístico. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Estudos de caso.

ABSTRACT

This work aims to understand some linguistic and social aspects related to the use of linguistic taboos in Modern Guinea-Bissau Creole, discussing the processes involved in the referred phenomenon from the reports of Guinean students from Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Campus dos Malês. Studying and researching taboo in Guinea-Bissau Creole (also known as Kriol) imposes difficulties, since it is a language that has not been the subject of many studies, mainly in relation to the mentioned phenomenon, an object that is often ignored due to prejudice and fear that the speaker may have when pronouncing words related to the sexual organs or sex, for example. For the analysis of this study, we used questionnaires applied to 50 (fifty) Guinean students from Unilab, Campus dos Malês. Regarding the questions in the questionnaire, we initially surveyed social data, such as: age, gender, religion and undergraduate course. To understand how the 50 students relate to linguistic taboos, of a sexual nature, we asked 10 (ten) questions. As general results, 8 (eight) ways of naming 'buttocks' were selected, among which are: **rabada** being the preference of 40 (forty) students corresponding to 80%, the term **bunda** was the preference of 6 (six) informants, representing 12%, only 1 (one) informant uses **kadera**, equivalent to 2% and, in other cases, there was the simultaneous use of two expressions of those mentioned (**bunda** and **rabada**) by 3 three people, resulting in 6% of frequency. To refer nominally to the female sexual organ, we have: **kunu** - used by 20 people (40%), **pampana** - used by 18 informants (36%), **katota** used by 3 people (6%) and other items (**mindjerndadi**, **femiandade**, **putinani**, **katchora** and **bunda**) used by 9 individuals (18%). In addition, some expressions were found to refer to “sexual intercourse” or “sex”: **fassi sexo** - used by 21 (twenty-one) informants (42%), the expression **moka** used by 17 (seventeen) informants (34%), **dita ku alguin** - expression used by 5 (five) people (10%) and, finally, there were other forms (**fasi amor**, **fasi macardessa** and **relason sexual**) used by 7 (seven) people (14%). Based on the presented data, according to the answers and reports of the informants, it is noted that not only do linguistic taboos exist in Guinea-Bissau Creole, but their relationship with each speaker interferes with the choices of the words used, which may lead to the maintenance of certain items (**rabada** 'butt'), the decrease in the use of other words considered “indecorous” (**katota** ‘vagina’) or even the creation of new words or the semantic extension of existing items (**bunda** to refer to 'vagina'). Linguistic taboos like the ones mentioned above, in the future, can be preserved, extinguished and / or replaced by new words. In part, what will define the destination of each item is, without a doubt, how its speakers see it and use it. The present preliminary study sought to discuss such paths and to point out possible social reasons for the greater use of certain items at the expense of others by Guinean students from Unilab, Malês.

Key words: College students - São Francisco do Conde (BA). Guinean language. Linguistic taboo. Sexism in language - Guinea-Bissau. University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony - Case studies.

RUSUMU

Ê tarbadju tene suma objetivu intindi alguns aspectus sociais na lingua ligadu ku manera di usa tabus linguísticos na kriol atual "Guineensi", pa diskuti tambi kuma ku es fenômeno ta akonteci baseadu na relatos de estudantis guineensi na Universidade di Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Campus dos Malês. Estudo ku pesquisa sobri guineensi (tambi kunsidu suma kriol) tene manga di dificultadís, pabia i um lingua ku ka tene manga di estudu principalmenti sobri es fenômeno ku faladubadja, ku ignoradu/dixadu di ladu, ma manga di bias, i pabia di preconceito ku medu que guintís ku ta papia é lingua pudi tene ora di tchama palabra ku liga ku sexu, suma exemplo. Pa fasi um analis dê tarbadju, nô usa purguntas pa 50 (cinquenta) studanti guineensi di Unilab, Campus Malês. Es purgunta nô fasil inda ku levantamentu di dados sociais, suma: idadi, sexu, religion, ku curso di licenciatura/ graduason. Pa N'tindi kuma ku é 50 alunu ta vivi/lida ku tabus linguísticos, sobri sexu nô fasi 10 (dez) purgunta. Suma rusultadu di tudu, é kudji 8(oito) manera di tchama 'bunda', entri elis: rabada i kudjidu ou i ta usadu pa 40 (quarenta) guintís, ku ta da 80%, só 1 (um) ku ta usa kadera, i ta da 2%, entri ki utrus, i tem casu ku é ta usa dus manera di tchama na kilis ku pudu na lista (bunda ku rabada) pa 3 (tris) pusua, ku ta da 6%. Pa tchama tambi sexu di mindjer, nô tene: kunu- ku ta usadu pa 20 (vinti) guinti (40%), pampana- ta usadu pa 18 pusua (36%), katota pa 9 guinti (18%). Alem desis, i odjadu tambi utrus manera di tchama "relason sexual" ou "moka": fassi sexo- usadu pa 21(vinti i um) guinti (42%), palabra moka kudjidu pa 17(dezassete) pusua (34%), dita ku alguin palabra usadu pa 5 (cinco) guinti (10%) i pa ultimu i tem utrus manera di fala (fasi macardessa e relason) usadu pa 7 (seti) pusua (14%). Atraves di dadus ku mostradu, ku resposta di guintís ku da informason, i notadu kuma i ka i xisti só tabu suma ku i ta intirfiri na manera ku guineensi ta usa alguns palabra ku pudi leba mudança di alguns palabra (rabada 'nádegas'), i ta raparti tambi usu di utrus palabra ku ta consideradu difícil di guarda (katota 'vagina') ou leba até na kria palabra ku kata consideradu "pisadu" ku tem suma casu di (bunda pa fala 'vagina'). Os tabus linguísticos, suma ki faladu riba, na futuru i pudi bin pui palabra guardadu ou disparsi ou i trocadu pa palabra nobu. Pa utru lado ké ku na bai difini cada um son dê palabra, i sim duvida, manera ku guintís ku ta papia lingua na djubil pa usal tambi. É tarbadju nobu na busca inda kaminhu pa mostra pussivel rason social pa mindjor manera di usa algun palabra pa propi studanti guineensi na Unilab, Malês.

Palavra tchabi: Guiné-Bissau. Guineensi. Tabu linguístico. Sexu.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CAPÍTULO 1: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O GUINEENSE	15
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA	15
2.2	ORIGEM E FORMAÇÃO DO GUINEENSE	16
3	CAPÍTULO 2: TABU	21
3.1	CONCEITO DO TABU	21
3.2	TABUS LINGUÍSTICOS	23
3.3	VARIAÇÃO E TABU	26
4	CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS DADOS	29
4.1	ANÁLISE QUANTITATIVA/DAS PERGUNTAS OBJETIVAS	29
4.2	ANÁLISE QUALITATIVA/DAS PERGUNTAS SUBJETIVAS	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICE	55

1 INTRODUÇÃO

Para definição do termo tabu, Guérios (1979, p.10) advoga que “A palavra tabu pode ser traduzida por ‘sagrado-proibido’ ou ‘proibido-sagrado’. Vem a ser abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida”, assim os tabus linguísticos constituem uma modalidade dos tabus. O presente estudo, portanto, buscou analisar o fenômeno do tabu linguístico de cunho sexual (em referência a órgãos sexuais e ao ato sexual) no guineense moderno. Desse modo, objetivamos compreender e discutir alguns aspectos linguísticos e sociais envolvidos no referido fenômeno. Como forma de obter dados em conjunto com uma fundamentação teórica, recorreremos à pesquisa de campo com questionários compostos de perguntas objetivas e subjetivas. Fato que nos permitiu efetuar análises de dados em uma modalidade quali-quantitativa. Assim, foram aplicados questionários com 50 estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), *campus* dos Malês.

O não uso de palavras e expressões, ditas tabus, no guineense moderno foi o ponto de partida para o interesse em realizar o estudo. Trabalhos sobre a Guiné-Bissau ainda hoje são de número restrito, em consequência disso, registram-se poucas pesquisas linguísticas voltadas ao guineense. Assim, o fenômeno em foco, tabu linguístico em guineense, até o momento, ainda não havia sido estudado, o que aponta para a relevância da presente pesquisa que tem como objeto o guineense, em geral, e o tabu linguístico, em particular. Desse modo, com este trabalho, esperamos despertar o interesse de pesquisadores para o estudo sobre tabu linguístico, uma vez que são importantes na língua, causando neologismos, formação de novas palavras não dicionarizadas, conforme aponta Almeida (2007), assim como o desaparecimento de itens considerados “indecorosos”, além de promover a variação linguística. Para mais, esta pesquisa visa fornecer registros que auxiliem estudiosos e pesquisadores em etimologia a ter acesso a palavras em guineense que possam, porventura, no futuro se encontrar extintas. Através da discussão aqui apresentada, espera-se que este estudo sirva de alicerce para outros trabalhos sobre o fenômeno citado não só em guineense, mas também em outras línguas.

Para fins organizacionais, a presente monografia se dividiu em três capítulos. No primeiro, apresentamos uma contextualização da Guiné Bissau sob as perspectivas geográfica (aspectos territoriais, demográficos e econômicos) e histórica (processo de colonização portuguesa, independência política, surgimento e formação da língua de contato, o guineense). O capítulo dois, por sua vez, tem como assunto o tabu (conceito e origem) e as consequências do seu uso para a língua e para os estudos de variação linguística, de neologismos e de

etimologia. O terceiro e último capítulo tem por objetivo apresentar análises quantitativa e qualitativa dos dados levantados da pesquisa sobre tabu linguístico de cunho sexual no guineense moderno. Por fim, são apresentadas as considerações finais obtidas pelo estudo.

2 CAPÍTULO 1: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O GUINEENSE

Este primeiro capítulo é formado por dois subseções: em 2.1, são apresentadas as contextualizações geográfica e histórica da Guiné-Bissau, como é composto o seu mosaico étnico-linguístico, assim como se apresentam as principais atividades econômicas do país, em sequência são abordados o período e a chegada dos portugueses nesse território. De uma forma resumida, relata-se um pouco da fase colonial portuguesa até a independência do país liderada por movimentos libertadores. Em seguida, a seção 2.2 trata propriamente do contato entre os portugueses e os povos deste país da costa ocidental africana, apresentando-se também a possível formação do guineense, trazendo algumas hipóteses do período de criouliização.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA

A Guiné-Bissau é um país da costa ocidental da África, com 36.125 km² de superfície total e apenas 28.800 km² habitável, faz fronteira ao norte com o Senegal e ao leste e sudeste com a Guiné-Conacri e a oeste com Oceano Atlântico (CHAPOUTO, 2014, p. 2). É constituído por 1,5 milhões de habitantes subdivididos nas seguintes etnias: balantas (30%), fulas (20%), manjacos (14%), mandingas (13%), papéis (7%), outros grupos étnicos (16%), contudo nem sempre as percentagens dos grupos étnicos são exatas, não se sabe ao certo qual é a etnia majoritária. A maior parte da sua população vive em zonas rurais (interior do país) e a principal atividade econômica do país é a agricultura (CHAPOUTO, 2014, p. 2).

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: <https://pt.mapsofworld.com/guinea-bissau/>.

Os portugueses chegaram à costa ocidental africana, especificamente a Guiné Bissau na pessoa do Nuno Tristão em 1446, mais tarde trazendo com ele a primeira povoação portuguesa para as cidades de Cacheu e Farim entre séculos XVI e XVII e Bissau (capital atual) no século XVIII (POLISSIER, 1989 *apud* COUTO, 1994). Nuno Tristão foi o primeiro português a fazer o contato com o povo, de acordo com Chapouto (2014, p. 44), contudo foi envenenado através de uma flecha e morto no conflito com habitantes locais. Posteriormente, uma quantidade maior de colonizadores chega a Guiné-Bissau e assim começou um longo e conturbado período do processo de colonização, em que o referido país, durante décadas, serviu como entreposto comercial.

De acordo com Chapouto (2014, p.3), que afiança as falas de Pélissier (1989 *apud* COUTO, 1994): “este território é entregue a Portugal, tornando-se, em 1951, uma Província Ultramarina de Portugal”. Com o passar dos anos, Portugal teve que dominar o país colonizado como uma província ultramarina, pois não queria mais ser visto internacionalmente como um império colonizador e também não pretendia abrir a mão deste território africano, então a denominou como uma província “além mar” do império português.

A Guiné conquistou sua própria independência em 24 de setembro de 1973 embora existam dados que registram a independência só um ano depois. Segundo Chapouto (2014), a Guiné Bissau se tornou um Estado independente em 1974 depois da luta de libertação dirigida pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde). Assim, o PAIGC libertou o país e assumiu o poder, desde esse período pós-colonial até o atual momento, com a exceção de um mandato do partido de oposição, Partido de Renovação Social (PRS). Ademais, houve, na história de pós-independência da Guiné-Bissau, sempre conflitos militares, golpes de Estado frequentes e uma permanente instabilidade política até os dias atuais.

2.2 ORIGEM E FORMAÇÃO DO GUINEENSE

O território Guineense abarca inúmeras etnias e há cerca de 22 línguas, entre elas, 21 são consideradas línguas vivas (faladas no cotidiano de uma determinada localidade ou comunidade, podendo não ser a língua materna daquele povo), e uma é considerada como a segunda língua da maioria (a língua nacional, o guineense ou kriol). A língua nacional, de acordo com Fernandes (2010, p. 4), é a língua que representa uma unidade das características identitárias de um determinado território, refletindo uma herança étnico-cultural, sendo a representação de uma consciência nacional.

Em 1446, com chegada dos portugueses, deu-se início às trocas comerciais e ao contato linguístico entre as culturas dos povos envolvidos (guineenses e portugueses), começando conseqüentemente a colonização e a exploração do território. Segundo Costa (2014), os *lançados* (exploradores aventureiros portugueses exilados no continente Africano) tiveram papel importante na formação do guineense, através da interação sociocultural com as *tangomãs* (mulheres africanas, esposas dos lançados), tendo assim filhos e estes chamados de *filhos da terra* (filhos de mães africanas, tangomãs e pais portugueses, os lançados). Ademais, houve também, nessa configuração social de colonização da Guiné-Bissau, os *grumetes* (africanos convertidos ao catolicismo que auxiliavam os portugueses na comercialização de escravos) que assumiram também um papel importante nesse processo de formação do guineense. Por conseguinte, *lançados*, *tangomãs*, *filhos da terra* e *grumetes* criaram, em conjunto, nesse espaço uma forma alternativa de se comunicarem, um código emergencial de contato formado espontânea e naturalmente, que, em seguida, desenvolveu-se em uma nova língua, o guineense, uma vez que houve falantes nativos nesse processo de criouliização.

Estes lançados contribuíram fortemente para a miscigenação como também foram veículos importantes, embora clandestinos, de aculturação (um processo de tentar mudar a cultura dos povos que ali encontravam, fazendo com que estes deixassem suas culturas), através desses contatos contínuos entre os povos de diferentes línguas e colonos (CHAPOUTO, 2014). Conforme Bull (1989 *apud* CHAPOUTO, 2014, p. 4), “pode-se afirmar que [os lançados] constituíram um fator que contribuiu para a formação do crioulo, pois houve necessidade imediata de comunicação entre os próprios lançados e os autóctones”.

A nativização de uma língua de contato só acontece quando a mesma tiver falantes que a usem como língua materna como explicitado anteriormente. O guineense servia como a língua de comunicação do dia a dia desses povos e é uma língua natural como qualquer outra, com sua própria gramática, regras e características linguísticas. O guineense é considerado uma língua nacional da comunidade e foi também um meio importante na mobilização para luta da libertação armada pela independência do país.

Para Costa (2014, p. 20), que se apoia em Pereira (2007, p. 91), deve-se defender que:

[...] os crioulos são línguas maternas como qualquer outra língua, permitem representar o mundo, comunicar com os outros, agir e fazer agir [...] pois possui seu vocabulário e sua própria gramática, através dele conseguem se compreender, dá a liberdade ao povo guineense de expressar a sua cultura, de pensar livremente.

No tocante ao guineense, não se pode deixar de lado ou esquecer-se da colonização e exploração portuguesa, pois a maioria das línguas crioulas de base lexical portuguesa surgiu exatamente nesse período, época crucial para a formação destas línguas. Como exemplo dessa relação com a colonização, a maior parte do léxico básico do guineense é de étimo português, recebendo também contribuições lexicais das línguas étnicas do país. Os crioulos africanos de base lexical portuguesa (como o guineense, cabo-verdiano, santome, angolar, lung'le e fa d'Ambô) surgiram a partir das trocas comerciais entre os portugueses e os povos da região da costa africana, conseqüentemente a escravidão também foi um dos principais fatores condicionantes dessa emergência. Em vista disso, apesar de as convivências não serem amigáveis, houve a necessidade de criarem uma forma de comunicação (entre escravizados e portugueses).

A insularidade, a exogenidade das populações durante a colonização foram marcadas pelas fases de “sociedade de habitação” e “sociedade de plantação”, assim como a existência de uma sociedade multilíngue são também os traços que caracterizam as situações propícias ao aparecimento de uma língua crioula de acordo com Chapouto (2014). Com relação a Guiné-Bissau e a Cabo-Verde, existe grande semelhança entre seus crioulos, que provavelmente deve ser por esse motivo: ambas foram colônias portuguesas com forte ligação histórica, gerando uma série de dúvidas sobre a origem dos dois crioulos, se em Guiné-Bissau ou em Cabo-Verde.

No que diz respeito à teoria da gênese do guineense como ramificação do Cabo-Verdiano, para Chapouto (2014, p.5) “este arquipélago foi encontrado desabitado, tendo sido povoado com escravos de diversas etnias, provenientes de várias regiões, formando-se, necessariamente, uma sociedade multilíngue, dada a heterogeneidade da origem dos escravos”.

Não só Cabo Verde como os outros países africanos colonizados pelos portugueses são sociedades multilíngues, principal característica em comum que fez com que a língua do colonizador não se impusesse totalmente sobre as dos povos colonizados, assim uma nova língua se estabelece com a contribuição das línguas locais como uma alternativa de comunicação. Contudo, se nestes dois países, havia as mesmas características do multilinguismo e a necessidade de contato com os colonos, possivelmente não deve ter sido em Cabo-Verde que o guineense teve origem, pois Cabo-Verde não foi o primeiro território a ser encontrado nas costas africanas. Com isso, pode-se conjecturar que a ocupação portuguesa colocou em contato indivíduos que falavam línguas distintas reunidos numa mesma comunidade e, em devido à presença dos portugueses, estes indivíduos escravizados se viram impossibilitados de se comunicar com os colonizadores e entre si, criavam-se assim condições que permitiriam a formação de um código emergencial para a comunicação imediata,

implicando depois a emergência do guineense à medida que os contatos foram se acentuando (MORAIS BARBOSA, 1966 *apud* CHAPOUTO, 2014). Outros defendem que o guineense deve ter sido formado em Cabo-Verde e depois teria sido levado para Guiné-Bissau, mas não há evidências que apontem para o deslocamento cabo-verdiano para Guiné-Bissau. Quanto à questão, Couto (1994 *apud* CHAPOUTO, 2014, p.5) afirma:

Suponho que o crioulo falado na Guiné é não uma criação resultante directamente do contacto do indígena com o português, mas sim o crioulo cabo-verdiano de Sotavento levado pelos colonos idos do arquipélago e que, com o tempo, se foi diversificando e adquirindo caracteres próprios sob a influência das línguas nativas.

A questão é: se o crioulo tivesse a origem em Cabo-Verde, qual língua era usada em Guiné-Bissau na época em que os portugueses lá chegaram? Qual era a língua de contato entre os colonos e os nativos do território guineense? Posto que foi nesse território que os portugueses fizeram seu primeiro desembarque antes de chegar a Cabo-Verde. Será que não existia nada que os motivasse a trocas verbais? Ou simplesmente não havia necessidade de colonos e guineenses falarem? Com estas e outras inquietações ganham força a hipótese de que o crioulo pode ter surgido na Guiné-Bissau e posteriormente teria sido levado a Cabo-Verde por colonos que, ao regressarem para Portugal, ocuparam o arquipélago e assim intensificaram as trocas comerciais dos escravos que eram sequestrados na costa africana (COUTO, 1994 *apud* CHAPOUTO, 2014).

Há hipóteses que defendem que o crioulo teria se formado em Guiné-Bissau e outras que defendem que teria sido formado em Cabo-Verde, contudo há também outras que se abstêm dessas discussões de solução absoluta. Nesse sentido, há uma hipótese que afirma que ambos os crioulos teriam sido desenvolvidos ao mesmo tempo nos dois territórios. De acordo com a situação histórica das duas ex-colônias, após a chegada dos portugueses, houve um intenso fluxo e afluxo em ambas as direções: “Se a Guiné-Bissau foi descoberta, Cabo-Verde sempre mereceu mais atenção dos colonizadores, que fizeram do arquipélago um entreposto comercial”. Tudo isso tem que ser considerado na formação do guineense. Assim, o guineense e o cabo-verdiano podem ter surgido em ambas as regiões simultaneamente. Ambos os crioulos, guineense e cabo-verdiano têm semelhanças fonológicas como também são diferentes em muitos aspectos, considerando as localidades geográficas diferentes. Embora a gênese do guineense e cabo-verdiano seja um tema relevante para os estudos de contato, o mesmo não será abordado nesse estudo de maneira ampla, tendo em vista que não faz parte do escopo da

análise. Para maiores discussões, sugere-se a consulta a trabalhos como o de Costa (2014), Chapouto (2014) e Freitas (2016).

Ademais, as discussões não se resumem só à origem do guineense como também se estendem sobre o que é crioulo. Há divergências quanto à definição, mas pelo menos em um aspecto os linguistas parecem concordar: “os crioulos se diferenciam das outras línguas pela sua rapidez de formação e, em condições históricas incomuns” (COSTA, 2014, p. 20). Como Costa (2014, p.20) aponta, são as características sociais de formação que os diferem das outras línguas.

Desse modo, o guineense, por ser uma língua crioula de base lexical portuguesa, a maior parte do léxico básico é de étimo português com traços de outras línguas étnicas, contudo é uma língua independente do português em todos os níveis estruturais assumindo o papel de língua de comunicação entre as etnias da Guiné-Bissau, embora fosse, no passado, uma língua pouco respeitada pelos portugueses. Para Scantamburlo (1981, *apud* COSTA, 2014, p. 21), “no tempo colonial, essa língua foi desprezada como [...] o seu uso era proibido nas cerimônias públicas”. Só foi reconhecido depois da independência de 1973.

Consequentemente, vale lembrar que o processo histórico da Guiné Bissau foi um veículo importantíssimo para formação dessa língua, ainda que esta língua não seja oficial como o português, é a língua mais falada e considerada língua de unidade nacional. No capítulo seguinte, serão abordados os conceitos dos tabus e tabus linguísticos, como e quando ocorrem e quais são as influências linguísticas e sociais.

3 CAPÍTULO 2: TABU

O presente capítulo está dividido em três subseções: 3.1, 3.2 e 3.3. Na primeira subseção, 3.1, são abordados o conceito tabu, a possível origem do termo e quando algo é considerado tabu. Na segunda subseção, 3.2, serão definidos o que é tabu linguístico, quando e porque ocorre esse fenômeno, quais as consequências para a língua (em especial, para os estudos etimológicos) e como este fenômeno interfere na sociedade. Na seção 3.3, discutem-se brevemente a relação entre variação e tabu e as diferenças entre os sexos feminino e masculino quanto ao tratamento do fenômeno.

Em geral, neste capítulo, buscamos apresentar uma discussão sobre o efeito que uma palavra tabuízada pode causar na percepção do falante.

3.1 CONCEITO DO TABU

É fato que, em qualquer sociedade, existe um conjunto de normas e leis e, dentro desse conjunto, também podem existir grupos sociais (étnico, cultural ou religioso) com suas particularidades, princípios a serem padronizados. Os preceitos normalmente criados pelas autoridades culturais ou entidades superiores, servem para doutrinar, instruir, proibir, autorizar e desautorizar, restringir certas práticas e hábitos, por meios de leis ou também de mitos, exteriorização de coisas, termos, palavras consideradas benéficas ou maléficas, por estes motivos as pessoas não deveriam supostamente pronunciar certas palavras, tocar em coisas ou objetos considerados socialmente proibidos (GUÉRIOS, 1979). Tabu é um fenômeno presente em qualquer sociedade e termina por impor limitações sociais sobre os indivíduos. Tais restrições são impostas, estabelecendo-se como um temor de expressar certas palavras consideradas negativas ou depreciativas sobre aspectos percebidos como sagrado por isso devem ser temidos segundo Guérios (1979).

A comunicação é um fator fundamental numa sociedade, desta feita os falantes fazem o uso de palavras para se expressarem em sociedade. Como sustenta Benke (2012), os indivíduos dentro de uma sociedade, a fim de manter o ato de comunicação, requerem o uso do léxico (vocabulário) de uma determinada língua ou de modo exclusivo seguem a norma pertencente a um dado grupo linguístico.

De acordo com os estudos de Goetze (1951 *apud* GUÉRIOS, 1979), o vocábulo tabu derivou-se provavelmente de *tapu*, de origem incerta talvez proveniente de um dos idiomas polinésios ou de línguas malaio-polinésias ou talvez de uma língua australiana. Conforme

Benke (2012, p. 45) e Guérios (1979, p. 9), há, nos Maoris, Nova Zelândia, Samoa, Taiti, ilhas Marquesas, a palavra *tabu* (tonga); *tambu* nas ilhas Salomão; *kabu* na região da Polinésia e *kapu* no Havaí. Todos os itens mencionados estão relacionados ao conceito de sagrado e/ou proibido. Segundo Benke (2012), para os antigos polinésios, tudo que eles consideram importante e valorizado se tornava conseqüentemente elementos tabuízados.

Para Guérios (1979, p. 10), “a palavra tabu pode ser traduzida por ‘sagrado-proibido’ ou ‘proibido-sagrado’. Vem a ser abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida”. De acordo com Vilaça (2009, p. 51) o tabu está presente em todas as culturas e no dia a dia de todos os povos, contudo a temática é pouco estudada e, por isso, apresenta poucas referências. Conforme Vilaça (2009, p. 51):

Os povos primitivos recebiam as proibições naturalmente sem saber por que e sem questionarem, sabendo que seriam punidos caso as violassem. Essas proibições eram, principalmente, contra a liberdade de prazer, de movimento e de comunicação, com abstinências e renúncias, mas em alguns casos eram por pura cerimônia.

Essas limitações não só excetua (proíbe) os indivíduos de fazer certas coisas, como também existem pessoas, estados e momentos (situações) tabuízadas. Com base nos estudos de Guérios (1979), o tabu é a “proibição ligada a certas representações mágicas ou religiosas”, quer dizer, pessoas são supostamente proibidas invocar nomes de divindades e de algumas entidades religiosas, a sociedade de uma forma direta ou indireta proíbe os indivíduos de falar determinados itens que acabam se tornando tabus. O autor (GUÉRIOS, 1979) ainda acrescenta que existe uma quantidade extensa de Tabu, que quando é infringida, pode provocar a aplicação de sanções, como um método para punir quem se recusa a aceitar e a respeitar as regras “divinas”.

Em toda sociedade o tabu está presente. Assim, quem vai contra ou desobedece a tais restrições pode ser punido de acordo com os princípios da sociedade onde o indivíduo está inserido, como consequência da sua negligência ao dado tabu. Essa proibição é discutida por diferentes áreas de atuação, como, por exemplo, do ponto de vista da psicanálise, Freud (1969, p. 17 *apud* BENKE, 2012, p. 42) classifica os tabus em duas categorias:

[...] permanentes e temporários. Os primeiros referem-se a sacerdotes e chefes, bem como a pessoas mortas e a qualquer coisa que lhes pertença. Já os tabus temporários podem estar vinculados a certos estados particulares, como a menstruação e o parto, a guerreiros antes e depois de uma expedição, ou a atividades especiais como a caça e a pesca.

Sob a perspectiva da religião, questionar obras de Deus pode ser um tabu, antigamente quando navegadores e cientistas tentaram explicar como a terra era, foram punidos e até mortos pela igreja, porque assuntos ligados à criação e à formação do mundo eram tabus, falar de Deus era e ainda é um tabu para muitos indivíduos.

O tabu se forma através dos medos das consequências que se criam com relação às forças malignas, sobrenaturais supostamente intrínsecas às coisas, aos objetos, às expressões, condicionando o temor e distanciamento das pessoas ao que é tabuízado socialmente. As pessoas, desde muito cedo, tendem a serem educadas a não falar dos itens tabuízados, a não tocá-los e nem vê-los, quando objetos, ocorrendo o contrário, a mesma será penalizada, e são estes receios impostos sobre o ser humano que incentivam o crescimento e manutenção do tabu na sociedade.

De acordo com Guérios (1979), são apresentadas as analogias entre os fenômenos tabus e as manifestações das neuroses. Nestas o indivíduo tem a privação de pessoas ou das coisas das quais teme o contato, sem uma explicação razoável. Normalmente a proibição só acontece porque a sociedade ou um grupo de pessoas não quer que uma regra seja infringida, sem que saiba o porquê, por trás da proibição.

A palavra tabu não só limita as pessoas como também causa sentimentos de medo, repulsa ou curiosidade. Assim, há uma contradição provocada pelo tabu na sociedade em que pode haver uma vontade de desobedecer à proibição para ver o que realmente acontecerá ou pode existir uma inibição a ponto de a pessoa não querer desrespeitar a regra social para não sofrer as “consequências severas”. Duas atitudes notadamente que se opõem em relação aos itens tabuízados.

3.2 TABUS LINGUÍSTICOS

Tabu linguístico está relacionado à proibição, às limitações das palavras consideradas “desagradáveis” e rudes, logo esses itens são adaptados para que se tornem mais “suaves” e menos constrangedores.

A proibição de uso das palavras consideradas chocantes influencia muito no desaparecimento das palavras, o que não facilita os estudos etimológicos, pois o tabu pode impedir os estudiosos de conhecer o étimo das palavras-tabu. Além disso, pode haver uma substituição das palavras consideradas desagradáveis por novas palavras, impulsionando o neologismo (VIARO, 2011). Por exemplo, de acordo com Viaro, (2011, p. 292): “[...] denominações chulas dicionarizadas, referentes ao inseto são: luzecu, abre-cu, caga-fogo e cu-

de-fogo. O vocábulo caga-lume, citado por Bluteau, contudo, sobreviveu, mas por eufemismo, tornou-se vagalume”.

Quanto à relação entre neologismos e tabus linguísticos, Almeida, (2007, p.142), nas suas pesquisas, encontrou formas novas de denominar *tuberculose* como, por exemplo, *doença ruim*, *fininha*, *doença do peito*, *doença seca* etc. Segundo Almeida, estas formas de denominações são neologismos e ainda não haviam sido dicionarizadas por serem itens novos para denominar tal doença.

Como dito anteriormente, o tabu está presente, de uma maneira ou de outra, em todas as sociedades humanas, contudo Guérios (1979) chama à atenção para um ponto pertinente quanto ao tabu:

Vigorando indefinidamente o objeto atingido por tabu, é claro que a expressão a qual se lhe refere, vigora também indefinidamente. No entanto, apesar de o tabu linguístico ser fenômeno universal e de todos os tempos, não é uniforme na intensidade e não é coincidente, isto é, uma palavra tabuízada num povo, numa comunidade, numa família, poderá não sê-lo em outro povo, comunidade ou família, e, por fim, pode ser temporário. (GUÉRIOS, 1979, p.12)

Assim, ainda que o tabu linguístico seja universal, o mesmo varia entre as comunidades, sendo um fenômeno comum existente nas sociedades e culturas. Para Guérios (1979, p. 11), há duas definições de tabu linguístico: própria e imprópria. O autor as explica:

Propriamente, tabu linguístico é a proibição de dizer certo nome ou palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, para evitar infelicidade ou desgraça; Impropriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira, no que está ligada a crença da pessoa no sobrenatural religioso ou no sentimento da pessoa ou moral.

Pode-se assim afirmar que existe uma conexão ou algo em comum no tabu para pessoas sem crenças religiosas, crentes e outros, porque mesmo com ou sem religião, lidam com o mesmo fenômeno, visto que, segundo alguns ensinamentos domésticos e etiquetas sociais, se alguém não se abster de pronunciar palavras-tabu, estará sujeito não só às pressupostas “desgraça” e “infelicidade”, mas prejudicará não só a si, ainda sua família e seu lar, para além da desaprovação social (GUÉRIOS, 1979).

É comum observar tabus sobre nomes de pessoas, religião, grau de parentesco, dos animais, nomes dos mortos, partes do corpo humano como órgão sexual e com doenças. Com bases nas pesquisas de Almeida (2007), nomes de doenças podem ser tabuízados, como o caso de *tuberculose* que, em muitas circunstâncias no passado, foi evitado, substituindo-se por nomes como *delicada doença do peito*, *doença ruim*, *fininha*, *fraqueza do peito*, *magra*,

magrinha, moléstia-magra, mal de secar, seco. Assim, a carga semântica que o termo possui fez com as pessoas evitassem ou sentissem receio de expressá-lo sob o risco de ‘atrair a doença para si ou para o lar’.

Conforme Benke (2012), o sentimento do proibido numa pessoa estimula o tabu linguístico, restringindo assim usos de alguns vocábulos e frases. Segundo a autora, o tabu pode ser visto como um patrimônio cultural e social, pois é um “elo” de geração em geração, compartilhando-se assim crenças, hábitos e costumes de pessoas, acredita-se, por isso, que existe desde os tempos mais remotos. É notável, por exemplo, que algumas pessoas ainda sentem receio de dizer palavras como *menstruação* ou pronunciar o nome, até mesmo, de certas doenças como *tuberculose, HIV* (Vírus da Imunodeficiência Humana), câncer, dentre outros, porque ainda pode ser tabu falar sobre estes na sociedade.

Substituir itens menos agradáveis para suavizar o impacto da palavra constrangedora ou substituir uma palavra com o efeito semântico considerado mais suave podem ser procedimentos utilizados diante de uma situação em que o falante se depara com um tabu linguístico ao optar por não usá-lo. Por exemplo, há comunidades em que a pessoa quando morre, seus familiares ou conhecidos podem evitar expressar o seu nome, com o receio de que, caso o chame sem querer, possam invocar a alma do indivíduo já morto (GUÉRIOS, 1979).

Do ponto de vista individual, para Guérios (1979, p. 1), “as palavras exteriorizadas podem ter forças sobrenaturais benéficas ou maléficas, porém há palavras que não devem ser exteriorizadas, a fim de se evitarem malefícios dos mesmos poderes”. Para os detentores de tais perspectivas, quando algo é considerado sagrado ou sobrenatural, os mesmos dedicam respeito e devoção para assim evitar ser expostos a castigos “sobrenaturais”. A palavra, portanto, para essas pessoas passa a ter um poder “mágico”. Como, por exemplo, na religião, para Benke, (2012), até mesmo o nome de Deus e toda sua grandiosidade é um tabu, pois ele nunca foi considerado como um demônio e questionar as obras dele não é permitido pelos seus fiéis, assim como também chamar o nome em vão é um tabu. Nesse sentido, Benke, (2012, p. 45) advoga:

Os tabus linguísticos, portanto, remetem as palavras que, segundo crenças arraigadas em determinadas sociedades, são dotadas de algum poder sobrenatural e que, se proferidas, podem evocar alguma desgraça. Nesse caso, a palavra tabu não é proferida e quase sempre é substituída por outra desprovida de “poder sobrenatural”.

Muitas vezes tabus linguísticos geram o eufemismo segundo Ullmann (1964 *apud* BENKE 2012). Como consequência da inibição social quanto ao uso de alguns vocábulos, as

peessoas ou a sociedade podem abrir mão de usar as palavras, substituindo as existentes por novos vocábulos com carga semântica considerada mais “suave”, levando ao eufemismo (modo de tornar palavras menos ofensivas para não constranger o outro). Sobre estas substituições dos termos e vocábulos, Benke (2012) baseado em Coseriu (1982), considera que o tabu linguístico provoca o acréscimo de metáforas na língua, porque é frequente ver o significado de uma palavra sendo transferido para outra ou por meio de comparação ou por serem considerada menos “bonita” ou “suave”, a exemplo de *linguiça* que, em português brasileiro, refere-se literalmente a tripa recheada com toucinho e carne crua, mas metaforicamente pode remeter ao órgão sexual masculino, substituindo, em alguns contextos, o item *pênis*.

3.3 VARIAÇÃO E TABU

Almeida (2007) afirma que os tabus linguísticos podem ser considerados como elementos que contribuem para a produtividade linguística, pois os fatores extralinguísticos podem levar às variações. Logo os tabus, como uns dos fatores extralinguísticos, proporcionam a variabilidade. Embora haja relações, não se podem confundir variações linguísticas com tabus, posto que as variações são movimentos naturais que a língua apresenta ao se transformar e se adaptar de acordo com os fatores que a influenciam, por exemplo, fatores históricos, grupos sociais onde a língua é utilizada, a região onde é falada, dentre outros elementos como a norma padrão e a norma popular que interferem na mudança da língua. A maneira como a língua vai evoluir com o passar do tempo é um fenômeno natural, como, por exemplo, a evolução das formas do pronome da segunda pessoa do plural (*Vossa Mercê* > *Vosmecê* > *você* > *vc*), essas formas não evoluíram do dia para noite, estas mudanças aconteceram e acontecem naturalmente com passar dos tempos. Também há casos de palavras distintas em diferentes regiões, mas com os mesmos significados, por exemplo: *ônibus*, *buzu* e *carro* referentes ao transporte coletivo público.

Na sociedade, a língua também varia através dos grupos sociais, no meio familiar, acadêmico, com os amigos (num ambiente informal), entre os gêneros (masculino, feminino) e entre outros contextos de formalidade e informalidade da comunicação para cada grupo social, como, por exemplo, frases e palavras com formas de escrever diferentes e com significados iguais: *aipim/mandioca/macaxeira*. Nota-se que o significado é o mesmo, porém a realização fonética diferente (LEITE & CALLOU, 2005). O tabu, por sua vez, não pode ser reduzido apenas a um fenômeno de variação linguística diatópica ou regional, porque as palavras tabuízadas são palavras que mudam, porque são proibidas arbitrariamente sob um

condicionamento de uma pressuposta conduta moral da sociedade por serem consideradas “*tristes*”, “*divinas*”, “*desagradáveis*” ou “*rudes*” (GUÉRIOS, 1979; ALMEIDA, 2007). Enquanto os tabus não variam só por questões regionais como já abordado, a variação linguística acontece de forma natural que os falantes da língua não conseguem perceber a mudança rapidamente, assim o tabu tende a ser mais percebido por ser resultado de uma imposição da “moralidade” pela sociedade ou por uma restrição social do que a variação linguística regional ou relativa à idade, por exemplo.

Em comunidades ou grupos, certos membros tendem a serem mais oprimidos e limitados por certos usos e costumes, estas diferenças podem ser vistas entre homens e mulheres também. Com relação ao sexo (feminino e masculino), é natural que haja diferenças nas formas de falar. Estas diferenças podem ser evidentes até no timbre de voz de cada um dos dois sexos. Para Mollica & Braga (2007, p. 33), “homens possuem voz mais grave e mais baixa; mulheres possuem voz mais aguda e uma oitava mais alta que a voz masculina”. Ainda para as autoras, Mollica & Braga (2007, p.33), “as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece natural que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher.”

De acordo com Mollica e Braga (2007, p.34):

Diversos estudos de orientação sócio-variacionista puderam corroborar a constatação de Fischer: gênero/sexo pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico) e apresentar um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.

De fato, as diferenças entre sexos é uma realidade de quase toda a sociedade que se reflete também nos tabus linguísticos. Mulheres, por exemplo, influenciadas por limitações e proibições impostas sobre o gênero feminino, podem usar menos, ou mesmo não usar, termos considerados ‘inaceitáveis’ para mulheres dizerem. De acordo com Mollica e Braga (2007, p. 33), isso “não impede, entretanto, que ainda possamos ouvir e utilizar expressões que ‘não fica[m] bem para uma garota falar’”.

De acordo Leite e Callou (2005, p.37), “os estudos dialetológicos clássicos, por sua vez, tinham procurado mostrar que, se por um lado as mulheres tendiam a manter traços mais arcaizantes, por outro, aceitavam mais facilmente os neologismos, apresentando maior instabilidade na fala do que os homens”. Como já mencionado, tabus linguísticos condicionam os neologismos, por exemplo, mulheres ou homens podem abrir mão de usar certas expressões substituindo-as por novas formas, o que muitas vezes, pode levar ao desaparecimento de

algumas palavras. Estes apontamentos do campo de estudos sobre variações linguísticas demonstram que tabu, variação e mudança linguística caminham juntos, sendo fenômenos que não são fáceis de separar, posto que se influenciam mutuamente.

Em virtude dos argumentos apresentados, pode dizer que tabu está ligado ou dividido em duas vertentes: o ponto de vista ‘mágico’ e religioso (às divindades) e outro relacionado a pessoas, nomes e até mesmo lugares. Estas restrições e limitações sobre certos conceitos não só incentivam o neologismo, como também podem ser entendidas como um patrimônio social e cultural transmitido de geração a geração. A sociedade, para evitar certas exposições, constrangimentos ou qualquer sentimento desagradável, procura outras formas de se expressar que não sejam consideradas ofensivas. Segundo Viaro (2011), na tentativa de encontrar outras maneiras de expressar o mesmo conceito, surgem novas palavras na língua (via neologismos ou empréstimo), como também palavras tidas como tabus podem desaparecer ao serem evitadas pela comunidade, o que dificulta estudos futuros acerca dos étimos dos itens tabu. Em outras palavras, tabus linguísticos dificultam os estudos dos étimos das palavras, pois, se uma palavra está fora de uso por certas restrições sociais, é possível que a mesma desapareça e provavelmente torne-se desconhecida pelas gerações futuras, tornando a tarefa mais difícil para os pesquisadores que desejem traçar a sua trajetória etimológica (Cf. VIARO, 2011).

No capítulo em seguida, será explicitado o tipo de pesquisa feita para coleta de dados, e serão feitas as análises dos resultados da pesquisa sobre os tabus linguísticos com a comunidade de graduandos guineenses da UNILAB - *Campus dos Malês*.

4 CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS DADOS

Esta sessão é constituída por duas subseções: a primeira, 4.1, terá com intento analisar quantitativamente os dados levantados da pesquisa; e, na subseção, 4.2, será feito um breve estudo qualitativo dos dados levantados. Os questionários¹ aplicados foram constituídos de perguntas objetivas (com resposta concedida através de itens de múltipla escolha) e subjetivas (perguntas que solicitam respostas além do ‘sim’ e do ‘não’), mesmo a parte objetiva apresentou um campo com exemplos para sugestões de palavras e frases. Foi importante criar um modelo/padrão das informações necessárias no questionário, assim seria garantido um nível razoável de participação dos colaboradores no seu preenchimento o que foi essencial para a pesquisa. As perguntas subjetivas, por sua vez, não contaram com sugestões de respostas, deixando os participantes mais livres para responder de acordo com suas opiniões.

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA/DAS PERGUNTAS OBJETIVAS

O total das pessoas selecionadas para responder aos questionários foi cinquenta² (50). Inicialmente, o estudo levantou aspectos sociais dos 50 entrevistados, a primeira informação investigada diz respeito à idade dos informantes, posto que foi esperado que a faixa etária influenciasse uma maior ou uma menor aplicação de itens lexicais considerados tabus. Logo solicitamos que os participantes informassem suas idades caso se sentissem à vontade para fazê-lo. Assim, a pesquisa obteve as seguintes faixas etárias de acordo com a Tabela 1:

¹ O modelo do questionário pode ser consultado no **apêndice A**.

² Todos os colaboradores concordaram com o termo de ciência da pesquisa.

Tabela 1 - Informantes e faixa etária

Idade	Informantes	
	Nº de informantes / Total	Porcentagem
20	1/50	2%
21	2/50	4%
22	9/50	18%
23	7/50	14%
24	4/50	8%
25	3/50	6%
26	2/50	4%
27	4/50	8%
28	3/50	6%
29	2/50	4%
30	1/50	2%
32	1/50	2%
Não declaram	11/50	22%
Total	50	100%

Fonte: elaboração própria.

Neste levantamento de dados, não foi possível separar quais faixas etárias tendem a chamar mais alguns nomes selecionados, considerados “menos suaves” ou “ousados” pelos entrevistados, porque não fizemos uso de programas estatísticos devido à falta de tempo hábil.

Na Tabela 2, quanto ao sexo biológico, vinte e quatro (24) informantes são mulheres, o que corresponde a quarenta e oito (48%) e vinte e seis (26) entrevistados são homens, equivalendo a cinquenta e dois por cento (52%) das pessoas que responderam os questionários.

Tabela 2 - Informantes distribuídos em sexo

Mulheres		Homens	
Número	Porcentagem	Número	Porcentagem
24/50	48%	26/50	52%

Fonte: elaboração própria.

Como se pôde constatar na Tabela 2, o número de informantes homens foi superior ao de informantes mulheres, salientamos, contudo, que não foi uma seleção proposital, pois os questionários foram distribuídos aleatoriamente, sem atenção específica a distinção de sexo, posto que o tabu é um fenômeno universal, que abrange qualquer pessoa, tanto do sexo masculino como do feminino, portanto seu estudo e suas discussões não devem fugir desse aspecto social. De acordo com os dados coletados da pesquisa, os homens, por exemplo, tendem a ter limitações em dizer os nomes das partes íntimas femininas na presença das mulheres, questões dessa natureza serão abordadas mais adiante na **subseção 3.2**. Acreditamos que, como a diferença é pequena entre as duas categorias, a pesquisa não sofreu enviesamento.

Para além da faixa etária e sexo, outro dado solicitado diz respeito à identificação do curso de graduação do qual o informante é aluno, desse modo, os informantes foram distribuídos nos seguintes cursos (ver Tabela 3):

Tabela 3 - Distribuição dos informantes por curso de graduação

<i>Curso</i>	Informantes	
	Nº de informantes / Total	Porcentagem
<i>Ciência Sociais</i>	14/50	28%
<i>Letras</i>	11/50	22%
<i>Bacharelado Interdisciplinar</i>	10/50	20%
<i>Pedagogia</i>	7/50	14%
<i>Relações Internacionais</i>	5/50	10%
<i>História</i>	1/50	2%
<i>Não informado</i>	2/50	4%
Total	50	100%

Fonte: elaboração própria.

De acordo com os dados levantado da pesquisa, do curso de Ciências Sociais, temos catorze participantes (28%), o curso de Letras tem onze representantes (22%), o curso de Bacherelado Interdisciplinar em Humanidades (BIH) possui dez informantes (20%). O curso de Pedagogia, por sua vez, tem sete representantes (14%), o curso de Relações Internacionais possui cinco representantes (10%), e, por fim, o curso de História apresentou um colaborador (2%). Dois informantes não identificaram seus cursos (4%).

É provável que crenças e religiões possam incentivar ou inibir o uso dos itens ditos tabus, levando os seguidores de uma dada doutrina religiosa a não proferir certas palavras por serem consideradas ‘rudes’, ‘constrangedoras’ e/ou ‘desrespeitosas’. Por essa razão, buscamos identificar possíveis religiões professadas pelos informantes nesse estudo. Na tabela 4, são apresentadas as religiões declaradas pelos informantes, sete optaram por não informar sua identidade religiosa (14%), ao que tudo indica essas pessoas não se sentiram avontade para informar ou não possuem religião alguma, e um entrevistado se declarou ateu (2%). Trinta e três informantes se declararam cristãos (48%), oito entrevistados são muçulmanos (16%) e um informante declarou seguir uma religião tradicional africana (carga cabaz) (2%).

Tabela 4 - Informantes distribuídos por religião

Religião	Informantes	
	Nº de informantes / Total	Porcentagem
Cristã	33/50	46%
Muçulmana	8/50	16%
Ateu	1/50	2%
Não declarado	7/50	14%
Tradicional Africana	1/50	2%
Total	50	100%

Fonte: elaboração própria.

Embora importantes, acreditamos que nem sempre fatores sociais como religião ou idade, por exemplo, podem interferir de maneira absoluta na aplicação do fenômeno. O informante 13 (25 anos), o informante 17 (29 anos) e o informante 47 (20 anos), por exemplo, utilizam a expressão **rabada** para se referirem a ‘nádegas’, por considerarem esta palavra mais adequada, sendo mais polido usá-la. Ainda que os três informantes tenham a mesma preferência de uso em relação à **rabada** e justificativas idênticas, as idades e religiões (cristã e muçulmana) são diferentes.

No questionário aplicado, a primeira pergunta de aspecto não social foi a qual(is) seria(m) o(s) it(em)(ns) lexical(is) preferencial(is) dos entrevistados para se referir às ‘nádegas’. As respostas variaram entre **kadera**, **bunda** e **rabada** ‘nádegas’. Embora tenham sido escolhidas estas três opções, as mesmas não são as únicas em guineense, talvez, por serem de modo geral, as mais usadas (ver Tabela 5).

Tabela 5 - Itens referentes às nádegas usados pelos informantes

Referência às nádegas	Informantes	
	Nº de informantes / Total	Porcentagem
Rabada	40/50	80%
Bunda	6/50	12%
Rabada e Bunda	3/50	6%
Kadera	1/50	2%
Total	50	100%

Fonte: elaboração própria.

Para a referência às ‘nádegas’, quarenta entrevistados preferem **rabada** (80%), seis informantes (12%) usam **bunda**, três (6%) utilizam ambas as palavras, **rabada** e **bunda**. Por fim, a palavra **kadera** só apresentou uma ocorrência de uso, isto é, apenas um informante declarou usar a forma (2%). De acordo com os resultados, os informantes, em sua maioria, preferem usar mais o item **rabada**. A maior parte destas pessoas considera a palavra “*menos grosseira, mais adequada, suave, menos ofensiva e mais educada*” dizer se comparada outras expressões. Os informantes cuja preferência é o item **rabada** afirmam se sentir mais à vontade para referir ‘nádegas’ desta forma. O item **bunda** ocupa o segundo lugar de preferência. Quatro dos participantes apresentaram uma certa similaridade nas justificativas, a maioria admite usar esta palavra por ser “*mais simples e mais fácil dizer e pronunciar*”. Um dos informantes alega desconhecer a razão: “*não sei dizer o porquê, cresci chamando assim*”, talvez o meio social (isto é, as pessoas com as quais o informante conviveu/convive provavelmente usam o dado item e influenciaram na sua preferência atual) seja um fator condicionante. Ademais, parte dos informantes que usa **rabada** acha que é mais ofensivo e menos “suave” dizer **bunda**. O tom supostamente mais ofensivo do item **bunda** é comentado por outro informante: “*eu prefiro usar bunda, mas minha mãe sempre dizia que bunda é palavrão, então ela recomenda usar rabada*”. Podemos constatar, nesse breve relato, o caráter transgressor do tabu, um traço comum do fenômeno, posto que o falante, ainda que tenha sido ensinado a usar a dada palavra (**rabada**), opta por usar outra (**bunda**).

Ainda na tabela 5, podem ser constatados três informantes que usam duas formas para denominar nádegas (**rabada** e **bunda**). Um deles aponta que: “*usava muito rabada porque aprendi que se dissesse bunda é xingamento. Então, vivendo aqui no Brasil, passei a ter mais familiaridade com o termo bunda e passei a usar a palavra tranquilamente*”. Nesse caso, é

evidente a influência brasileira, mais especificamente baiana, na sua fala, pois **bunda** é um termo bastante usado pelos baianos, a exemplo da famosa música intitulada, “a dança da bundinha” do grupo de axé baiano “É o tchan”. Além disso, é possível assumir a influência da própria academia (o meio acadêmico) no dia a dia dos informantes, levando-os a ficar mais familiarizados com o termo, desfazendo-se, portanto, o tabu sobre esse item. Também houve um caso em que o informante usa os dois termos, mas em situações diferentes: *“Normalmente uso este termo (**rabada**), quando falo com pessoas mais velhas ou com aqueles que tenho respeito ou quando não somos próximos... Mas nos outros casos, uso ‘bunda’”* (Informante 28). Assim, este indivíduo usa a palavra **bunda** para pessoas com mais intimidade e uma certa proximidade. A forma como um jovem vai falar com a sua família geralmente não é da mesma forma como ele vai se comunicar com seus amigos ou seus colegas da escola, academia ou do trabalho. O meio (social) vai condicionar em uma certa medida como a pessoa fala. Assim, um falante que também prefere **bunda** e **rabada** justifica sua preferência, alegando: *“uso porque é comum”*. Desse modo, talvez seja comum o uso destas palavras no meio onde cresceu e no qual estava inserido, porque, de acordo com outros relatos, o emprego do item **bunda** não é comum nas comunidades ou famílias alocadas em Guiné-Bissau. Portanto, embora o tabu seja um fenômeno universal presente em toda sociedade, não quer dizer que o que é tabuízado numa determinada localidade também o será em outros lugares (Cf. GUÉRIOS, 1979) mesmo quando estamos lidando com falantes de uma mesma língua que são deslocados como é o caso dos nossos informantes guineenses que agora residem no Brasil.

Dando prosseguimento à análise, no tocante à denominação para o órgão sexual feminino (‘vagina’), apresentamos a Tabela 6.

Tabela 6 - Denominações para órgão sexual feminino ('vagina')

<i>Referência à vagina</i>	Informantes	
	Nº de informantes / Total	Porcentagem
Kunu	20/50	40%
Pampana	18/50	36%
Katota	3/50	6%
Kunu e pampana	2/50	4%
Femeandadi	2/50	4%
Pampana e katota	1/50	2%
Bunda	1/50	2%
Catchora	1/50	2%
Putunani	1/50	2%
Mindjerdadi	1/50	2%
Total	50	100%

Fonte: elaboração própria.

Na tabela 6, nas respostas obtidas, **kunu** foi a expressão mais preferido por 20 informantes (40%), representando quase metade do número total dos colaboradores da pesquisa. Ainda que os informantes que usam **kunu** considerem uma expressão não educada e vulgar, o item foi o mais escolhido entre as outras opções, inclusive o informante 50 justifica: “*É o nome de kriol tradicional. Pampana e katota são conotações recentes.*” Dezoito pessoas preferem **pampana** (36%), já **katota** conta com a preferência de 3 pessoas (6%), sendo o terceiro mais citado, com quase uma concordância nas justificativas. Os três informantes consideram **katota** *mais suave, adequada, menos constrangedora, mais elegante*. Para eles, é mais comum usar esse termo em qualquer lugar sem causar constrangimento ao próximo, sendo mais apropriado do que **kunu**. Um informante (1%) usam duas formas simultaneamente, **pampana e katota, kunu e pampana**, enquanto uns acham estas palavras mais ofensivas e inadequadas, outros usam as duas formas de dizer, em situações e momentos diferentes. Além das respostas obtidas nas perguntas de múltipla escolha, as outras palavras foram mencionadas pelos colaboradores que podiam trazer outras expressões que usassem caso o dado item não estivesse na lista. **Femeandadi** foi mencionada por duas pessoas (4%), outras formas como **bunda, katchora, putinani, mindjerdadi** também foram mencionadas e somadas correspondem a 8% no total. Mais uma vez, houve certa concordância nas respostas com relação

a **femeandadi, bunda, katchora, putinani, mindjerdadi**, seus utentes dizem recorrerem a estas palavras por serem *menos agressivas e menos constrangedoras, mais polidas e adequadas* em relação outras formas já citadas. Algumas destas formas podem ser consideradas neologismos no guineense, posto que não conhecidas geralmente como itens relativos ao órgão sexual feminino, logo sem registro até o momento em dicionários com esse novo significado, a exemplo de **katchora** e **putinani** ‘vagina’.

Um caso entre as expressões, que chamou muito atenção por ser inédito talvez para muitos guineenses, diz respeito ao uso de **bunda** para se referir a toda parte íntima feminina. O informante 25 disse: *“Tento não chamar pelo nome. Sou meio reservado com relação a essa questão. Chamo-o de forma generalizada bunda.”* Nesse caso, compreendeu-se, pelo seu relato, que o informante praticamente não usa itens lexicais para se referir diretamente à ‘vagina’, preferindo a opção genérica **bunda**.

Na tabela 7, apresentam-se as preferências dos informantes para a denominação do órgão sexual masculino (‘pênis’):

Tabela 7 - Denominações para órgão sexual masculino (‘pênis’)

Referência a pênis	Informantes	
	Nº de informantes / Total	Porcentagem
Pipixu	18/50	36%
Kodjon	16/50	32%
Obu	11/50	22%
Pipixu e Obu	2/50	4%
Matchundadi	2/50	4%
Kodjon e Obu	1/50	2%
Total	50	100%

Fonte: elaboração própria.

Na tabela 7, a maioria dos informantes, 36%, usa **pipixu**. Assim, dezoito colaboradores consideram **pipixu** *mais educado, normal e civilizado* para referência a ‘pênis’, alegando que chamar desta forma não incomodaria os outros ao redor e nem causaria constrangimentos. Algumas justificativas para **pipixu** chamaram mais atenção, a exemplo do informante 10 que disse: *“Porque, como me ensinaram a chamar isso assim, até hoje chamo assim e fico com vergonha de chamar outro nome mesmo com o meu namorado”*, já o informante 38 alega que

“*[pipixu] é socialmente normal em crioulo guineense.*” O informante 20 justifica a escolha desta palavra por achar que “soa bem”: “*Escolhi essa opção, porque soa bem e, eu não sei se essa palavra faz parte de kriol ou não.*” Já o informante 23 deixa evidente a força inibidora do tabu na escolha de um item em detrimento de outro: “*Porque minha consciência pesa chamando-o [pênis] doutra forma, prefiro usar esta palavra [pipixu] ou matchundade [‘masculinidade’]*”, o que te faz ser homem.

Em segundo lugar, dezesseis informantes, 32%, usam **kodjon**. **Kodjon** foi escolhido por sete informantes do sexo feminino e nove do sexo masculino, uma diferença mínima, mas que mostra certa preferência masculina por **kodjon**. O informante 34 chega a conjecturar a razão para a escolha de **kodjon**: “*aprendi a chamar assim e eu acho mais conveniente para me referir ao pênis. Ao dizer pênis vem a mim o significado testículo, pipixu já é aquela forma mais moderna de chamar kodjon, por isso não gosto. O obu é usado para xingar, por exemplo “bu garandi Obu”.*” Já para o informante 25, ser do sexo masculino explica a opção: “*Como sou homem, sinto-me mais à vontade para proferir o termo kodjon. Porém, às vezes suavizo-o usando pipixu.*” Os informantes 34 e 25 demonstram um comportamento comum de falantes em relação ao tabu linguístico que é o de considerar a forma (o tabu) escolhida como “melhor”, “mais suave” ou menos constrangedora ainda que outros falantes não tenham a mesma percepção. Os demais informantes homens afirmam usar **kodjon** por ser a forma comum em guineense, logo “simples” para eles e por ser a mais partilhado no seu dia a dia.

Para as mulheres, por seu turno, quatro usam o termo por considerarem que é o nome comum em kriol (Guineense), mais “ideal”, utilizado no dia a dia e mais apropriado. Elas afirmam também que os demais nomes são apenas formas “inventadas” para “enfeitar”. Outras três informam usar **kodjon** em determinadas situações a exemplo do Informante 1: “*Uso kodjon quando falo com outras pessoas, já com os meus pais, pessoas mais velhas e conservadoras [uso] matchundadi para não [se] sentirem ofendidas*”. Percebe-se que o informante 1 usa **kodjon**, mas com certas limitações talvez por ser mulher e a mulher culturalmente, em geral, é pressionada a não dizer determinadas palavras sob pena de serem julgadas negativamente, algo que acontece em nível mais brando com os homens. O informante 22 que prefere usar o item **kodjon** para referência a ‘pênis’ também aponta a inibição promovida pelas palavras tabu no dia a dia do falante de guineense: “*Kodjon é o nome específico em crioulo, que eu conheço, esses nomes atuais são adaptados, porque existe um tabu pelo nome, os mais velhos não chamam esse nome no meio das crianças, elas [as crianças] não podem saber*”. Nota-se que tal informante (22) compreende que identifica um tabu por trás das limitações. De maneira similar, o informante 44 também discorre sobre a necessidade de

adequar o item referente a ‘pênis’ a depender do seu interlocutor: “*depende da pessoa a que se refere. Para um indivíduo adulto, eu uso **kodjon**; para uma criança é **pipixu**; **obu** eu ouvi alguém usar, mas eu não [uso].*” Diferentemente dos demais, o informante 44 usa **kodjon** quando se dirige a um adulto, já com as crianças existe uma limitação no uso desse termo, substituindo-o por **pipixu**.

Em terceiro lugar na preferência, está a palavra **obu**, com 22%, para referência ao órgão sexual masculino. As razões para a escolha de **obu** são variadas, o informante 8 afirma: “*Falo Obu, porque esse órgão está entre [‘2 kuku di Obus’] os testículos, portanto desta forma muitas pessoas chamam assim.*” O informante 8 usa o nome mais no sentido figurado da palavra, empregando o termo **obu**, porque está entre “duas bolas” (os testículos), portanto seria a razão desse nome para ele. Já o informante 18 sustenta: “*Obu é mais adequado, mas **kodjon** é mais vulgar para os jovens*”. Para o último, **obu** é o menos ofensivo e comum para um jovem usar em vez de **kodjon**.

Houve também casos em que as pessoas empregam para referência ao órgão sexual masculino mais de um item como **pipixu/obu** e **kodjon/obu** que juntos somam um total de seis por cento (6%). Dois informantes preferem **matchundadi**, correspondendo a 4%.

Na Tabela 8, reunimos as expressões apontadas pelos informantes para a referência ao ato sexual:

Tabela 8 - Denominações para a referência ao ato sexual

Referência ao ato sexual	Informantes	
	Nº de informantes / Total	Porcentagem
Fasi sexo	21/50	42%
Moka	17/50	34%
Dita ku alguin	5/50	10%
Moka/dita ku alguin	2/50	4%
Fasi amor	1/50	2%
Fasi marcadesa	1/50	2%
Fasi amor / dita ku alguin	1/50	2%
Relação sexual	1/50	2%
Não especificado	1/50	2%
Total	50	100%

Fonte: elaboração própria.

Com relação à referência ao ato sexual, quarenta e dois por cento (42%), o que equivale a vinte e um informantes, preferem usar o termo **fasi sexo**, por eles a maneira mais adequada e mais “respeitosa” como aponta o informante 39: *“achei mais apropriado.”* Alguns comentários desses informantes se destacaram, por exemplo, o informante 45 disse: *“apesar de não expressar na língua guineense, prefiro usá-lo por gosto moderado da conversa”*, neste caso a sua preferência se deve pelo gosto de usar expressões novas na língua, porque esta expressão presente atualmente no léxico guineense possivelmente chegou por influência do português em que há a expressão similar “fazer sexo”. Outro comentário em destaque se encontra na fala do informante 30 que assegura: *“Muitas vezes ao chamar esse ato pelo nome, as pessoas ao meu redor acham que é estúpido”*. Como se pode notar, preocupações com o que os outros vão pensar do falante pode interferir diretamente numa inibição do uso do termo por temor de ser considerado “estúpido”. Esse comportamento repreensivo com relação a determinados termos indica como o tabu também está enraizado no guineense. O item **moka** foi o segundo mais citado, usado por dezessete pessoas, o que corresponde a trinta e quatro (34%). Mais uma vez, as justificativas para a preferência são de natureza variada:

- *“Sempre uso a palavra **moka**, na verdade me sinto mais confortável em usá-la, só que as parceiras às vezes [se] sentem constrangidas”* (Informante 27).
- *“Sempre que percebo que dois seres estão nesta situação falo “Ena **moka** nan” [Estão a transar ou fazer sexo]. Para mim, o “**dita ku alguin**” [“deitar com alguém”] não é necessariamente **moka**, e não gosto da expressão **fasi sexo**.”* (Informante 34)
- *“Muitos não gostam chamar desse jeito [**moka**], mas a comunicação passa mais fácil.”* (Informante 13)
- *“Porque num bom kriol é assim mesmo, aqueles outros nomes todos são invenção.”* (Informante 5)
- *“Porque dessas palavras, ela [**moka**] que é objetiva e direta”.* (Informante 11)

Cinco informantes (10%) usam **dita ku alguin**, o ato de se deitar com alguém, para referência à cópula. O informante 38 considera, ao que parece, a dada expressão menos “constrangedora”: *“Porque a sociedade guineense é uma sociedade marcada pelo tabu, por isso usar **dita ku alguin** é mais adequado.”* O efeito mais “brando” da expressão **dita ku alguin** é também apontado como razão para a escolha do informante 2 com o destaque para o fator repreensivo do tabu ser mais forte junto às mulheres, algo já apontado por outras informantes:

“Porque se eu falasse assim [**dita ku alguin**] ninguém ficaria estranho comigo, porque se chamar de outra forma a sociedade me ‘viria’ como uma prostituta. Como se pode perceber o efeito do tabu sobre essa informante é significativo. Três informantes preferem usar duas formas simultaneamente (**moka/ dita ku alguin, fasi amor/dita ku alguin**), o que resulta num total de 6%. Outros três informantes individualmente usam as expressões **fasi amor, fasi macardessa, relação sexual**, tendo assim em conjunto seis. Por fim, houve um informante que preferiu não especificar a expressão utilizada, o que representou dois.

Depois de uma breve análise quantitativa, na subsecção subsequente, será feita uma também sucinta análise qualitativa dos dados coletados.

4.2 ANÁLISE QUALITATIVA/DAS PERGUNTAS SUBJETIVAS

Nesta subsecção, serão analisadas as respostas dos informantes para as perguntas subjetivas, não polares, isto é, perguntas cujas respostas extrapolam o ‘sim’ ou o ‘não’. Desse modo, nessa subsecção, iremos nos ater às respostas subjetivas, constituídas das opiniões dos colaboradores da pesquisa. Para uma melhor compreensão, abordaremos as respostas de acordo com a ordem das perguntas no questionário.

O primeiro comando subjetivo foi: *Embaixo escreva as palavras que achar que é xingamento, podendo ser as já mencionadas no questionário e/ou qualquer outra que conhecer*. Por que as considera xingamento? Estas perguntas foram feitas entendendo que na sociedade guineense existem tabus sobre algumas palavras, consideradas xingamentos, e outras não, mesmo sendo nomes que se referem a um conceito tabu como palavras relacionadas a sexo. Portanto, se para os participantes, alguns termos são xingamentos, solicitou-se que os mesmos fossem mencionados. O informante 30 cita os seguintes termos: **moka** ‘transar’, **kodjon** ‘pênis’, **kadera** ‘nádegas’, **kunu** ‘vagina’ e, em seguida, afirma “*são mais usadas para xingamentos*”. Essa resposta foi a mais comum comparada às respostas que virão adiante, mas destacamos o fato de o informante citar **kunu** como palavra usada para xingar que antes foi escolhida como a palavra para denominar o órgão sexual feminino. Mais adiante, o informante 30 divaga: “*É o certo a dizer e comum* [com referência a **kunu**].” Tal afirmação merece atenção, pois se **kunu** é comum e o certo a dizer, não seria muito coerente o mesmo item ser citado como xingamento.

O informante 39 chama atenção para um aspecto comum nas palavras tabu: “*Moka mame, puta ki padiu, karika de Mame* [‘Se deitar com a mãe de alguém, filho/a de puta, útero, ou parte interna do sexo da mãe’]. Xingamentos sempre recaem em cima das mães são palavras

inapropriadas são ofensivas”. Esse falante trouxe um aspecto pertinente ao afirmar que os xingamentos em geral estão relacionados às mães, contudo o tabu em guineense não tem apenas as mães como alvo, em específico, mas as mulheres em geral. Uma prova disso foi a frequência com que os xingamentos estavam repetidamente direcionados ao órgão sexual feminino nas respostas do questionário.

O informante 29 pondera sobre a definição categórica do que seria xingamento: *“Tanto esses dos questionários como outros para serem considerados xingamentos, vai depender da palavra que antecede ou o contexto ou momento em que são usados*”. Diferentemente da maioria das respostas, para este informante, os itens só são xingamentos dependendo das palavras que as acompanham no momento em que são proferidas. Por outro lado, xingamentos para o informante 42 são: *“fedi kodjon, kunu fedi, bu kadera, tchiu pintinhu, bu tchironeta, bu fedi cadera*”[‘Pênis fedido, vagina fedida, tua bunda, demasiados pelos pubianos, teu clitóris, bunda fedida’], em seguida o informante explica que são xingamentos *“porque quando essas expressões são direcionadas a alguém, ela se sente ofendida*”. Estas colocações reforçam a ideia de que as palavras isoladas não são, em geral, xingamentos para seus falantes, mas podem ser assim consideradas consoante o contexto em que tais palavras estão inseridas, circunstância de fala e ao interlocutor: *“kadera, bunda [‘nádegas’] são termos tidos como xingamento até um certo ponto dependendo do nível de relacionamento entre um menino e uma menina. Se for numa conversa normal com minha namorada, posso usar termo kadera e bunda, agora, se for por meio de uma discussão, o uso do termo perde o valor carinhoso e passa a ser um insulto. Portanto, o uso desses termos depende de momento e com quem estou a falar*” (Informante 50).

O informante 12, por seu turno, considera xingamento palavras como *“estúpida atrevida, bandida, puta, ma edukada e bura*”, justificando *“para mim são palavras fortes que não deveriam ser usadas [...] são palavras que não me ‘identifica’ como pessoa*”. O interessante é que esse indivíduo não citou partes do corpo como alguns, considerando como xingamentos outros adjetivos usados para caracterizar pessoas. Já o informante 19 cita como xingamento *“miti pé na rabo [‘meter pé na bunda’]”* e comenta *“mexe com o psicológico do indivíduo [...] sendo agressivo*”. A expressão que, para esse informante é xingamento, de fato é mais usada em situações tensas em guineense, *“miti pé na rabo [‘colocar o pé dentro da bunda’]”* de alguém.

As duas últimas respostas são aquelas que consideramos ter sofrido alguma influência do meio acadêmico (Unilab) e da convivência com estudantes de outras nacionalidades como a brasileira. O informante 9 considera xingamento *“filho da puta, idiota, analfabeto funcional,*

filho de uma égua, veado, sapatona”, todas expressões presentes no vocabulário do português do Brasil (*filho da puta, analfabeto funcional, filho de uma égua, veado e sapatona*), o que talvez seja produto da convivência entre guineenses e brasileiros. Outra expressão bastante conhecida, usada pelos estudantes guineenses na Unilab e citada no questionário por duas pessoas foi **punto**. O item **punto** ou a expressão **pati punto** são para dizer que uma pessoa numa determinada situação está causando “vergonha alheia”. Estes dois falantes afirmam ser um termo ou expressão pejorativa, por isso xingamento. Por fim, em geral, **moka, moka mame, fidju di puta, puta, kodjon, karika ratchau kadera, fedi kodjon, fedi kunu** [‘transar, se deitar com a mãe de alguém, filho/a, puta, pênis, parte interna de vagina, rachar a bunda de alguém, pênis fedido, vagina fedida’] foram as palavras e expressões mais usadas pela maioria dos participantes da pesquisa.

A pergunta seguinte do questionário com caráter subjetivo foi: *que xingamento você mais usa em kriol?* Como respostas, destacamos o informante que alega não xingar porque não gosta de ser xingado: *“Não gosto de xingar as pessoas porque não gosto de ser xingada. Porém, com as amigas, algumas, nesse caso, uso ‘bandida’, ‘merda’, mas, numa circunstância séria, não uso.”* Este informante afirma usar itens como **bandida** e **merda** em momentos mais íntimos com pessoas próximas, portanto para o informante, tais palavras são tabuízadas, posto que não são usadas em qualquer circunstância, mas proibidas em momentos formais (“sérios”).

O informante 28 também alega não proferir com frequência xingamentos: *“Quase não uso xingamento em kriol, porque ‘esse privilégio são’ guardados para certas pessoas, principalmente os mais velhos, ou seja, foi sempre vetado para mim”*. Estas limitações de uso de alguns termos, considerados “pesados” e “feios” para os mais novos, são muito presentes na sociedade guineense. Por essa razão, causa um certo estranhamento quando uma pessoa, alheia a essas limitações sociais, usa alguns termos que os outros não se sentem à vontade de falar, esse indivíduo “infrator” é, portanto, avaliado negativamente em geral e considerado “mal-educado”.

Houve casos em que as pessoas relataram proferir palavras consideradas xingamentos em situações de tensões e alteração dos ânimos como, por exemplo, nos momentos de acompanhar jogos de futebol e circunstâncias similares em que se proferem xingamentos como forma de manifestar o ânimo perante aquela situação, não sendo a outras pessoas presentes. Nesse sentido, o informante 10 usa *“fidjida puta”*, mas salienta que usa *“não para xingar outra pessoa, falo sempre quando assisto filme, jogo.”* Contudo há casos em que o falante usa certas palavras para causar algum efeito no seu interlocutor, isto é, profere determinadas expressões com o intuito de ofender o seu ouvinte, como, por exemplo, a situação do informante 03 que

explica “*Uso **kadera**, principalmente quando me encontro irritado, a minha tendência é proferir a seguinte frase: Na findiu **kadera** [‘criar fenda na bunda’]*”.

Há também expressões que, de tanto usadas, e, mesmo sendo compreendidas, em geral, como xingamento, já se tornaram “normais” ou ofendem menos como o item **pora** ‘porra’ que, segundo o informante 21: “*é ‘usada’ com muita frequência nas nossas falas [...] muitos aceitam esse palavra como normal, ignorando que é um xingamento.*” De maneira similar, o informante 12 acha que o mencionado termo é menos ofensivo: “***pora**, acho uma palavra mais leve e simples que pode magoar menos uma pessoa.*” A maior parte dos informantes, para esta questão, apresentou respostas semelhantes, como: **fidjida merda, bardamerda, merda, findi rabu, findi kadera, fidjida bala, puta e fedi kadera** [‘filho/a de merda, vai a merda, merda, criar fenda na bunda, filho/a de bala, bunda fedido’].

Não foi possível diferenciar entre mulheres e homens quem xinga mais, contudo compreende-se que a maior parte das palavras e expressões compreendidas como xingamentos tem como alvo alegorias relacionadas ao sexo feminino. Assim, tanto homens como mulheres usam expressões tabuízadas com referência à mulher. Em contrapartida, duas informantes fugiram à regra, mencionando também palavras que utilizam como xingamento, voltadas ao sexo masculino: “***Moka mame, bu kadera, bu fedi cunu sin, bu kumprido kodjon** [‘pênis longo]*” (Informante 5). Um exemplo de resposta semelhante foi o informante 47: “*O xingamento que eu mais uso em kriol são: **kunu du mamé, fidju di puta gintiu, kodjon du papé** [‘pênis do teu pai, vagina da tua mãe, gentio, filho/a de puta.]*” Outras formas de xingar analisadas nas respostas ocorrem por atribuição de características animais ao ser humano, como exemplo, temos o informante 20: “***kabesa kuma bagri ratchadu na metadi** [‘cabeça igual de bagre aberta no meio’]*.”

A questão subsequente (*Que xingamento você nunca usa e por quê?*) foi proposta com o objetivo de descobrir e compreender se existiriam “xingamentos” que os participantes não usam ou que ainda não usaram e quais seriam as razões para isso. Nove informantes afirmam ter usado todas as expressões do seu conhecimento em guineense. Analisaremos oito respostas que mais se destacaram para além das trinta e três respostas comuns e semelhantes (a saber: **kadera, puta, moka, kunu, tchiron, puta ku padiu, na findiu kadera, kunu di bu mame, blufo, pantiminero, fedi karica**) [‘bunda, puta, transar, vagina, clitóris, puta que pariu, vagina da tua mãe, incircunciso, pessoa metida,’], esses informantes defendem o não emprego desses itens alegando serem palavras desagradáveis que não devem ser usadas no meio social, porque suas formações familiares não lhes permitem usá-las. As respostas que despertaram mais atenção foram as seguintes:

- *“Pela minha educação, não consigo usar xingamento, às vezes prefiro brigar de que xingar”* (Informante 38)
- *“Não uso **kunu di bu mame**, [‘vagina da tua mãe’]. porque respeito a minha mãe e todas as mães”*. (Informante 31)

Qualquer ser humano tem suas individualidades e particularidades no que diz respeito a sua atitude nas maneiras de lidar com qualquer situação de fala, com isso há pessoas que não conseguem se expressar livremente tanto no momento cômicos como em situações mais tensas. No caso do informante 38, ele alega não conseguir xingar devido à educação que teve, então em resposta a essa limitação, revela preferir o confronto. Já o informante 31 afirma não usar *“**kunu di bu mame**”* por respeito a sua mãe e a todas as mães. Em consonância com as razões do informante 38, o informante 10 nunca profere a expressão **moka mamé**, alegando que: *“É muito feio. **Mamé i grandí** não pode ser xingada de qualquer maneira, pois é quem te deu vida, mesmo sendo mãe de outra pessoa, também poderia ser a sua”*. **Mamé i grandí**, no sentido literal da palavra, significa **“mãe é grande”**, que seria **“mãe é sagrada”**. De maneira semelhante, o informante 35 também prefere não usar *“**moka mamé**, não gosto de usar porque tenho respeito pela minha mãe, e não gosto que alguém a use contra mim, por isso não uso”*. Esse falante acredita que quem usa esta expressão para xingar outra pessoa e magoar é porque não respeita a mulher que lhe deu à luz. Assim, quando algo ou alguém é considerado sagrado, o respeito a este ser é imperativo para muitos indivíduos, portanto a ideia do sagrado inerente à figura materna segue em linhas gerais essa perspectiva, logo a mãe, para esses informantes, não deve ser ofendida. Já a informante 20, cita a figura da mãe como guia para o não uso de determinados itens: *“Não uso **blufo**, porque minha mãe disse que isso deixa o sexo oposto descontrolado, o que o torna violento”*. **Blufo** se refere a aquele que não é circuncidado, assim supostamente, para aqueles que passaram pela circuncisão, é uma ofensa a sua honra chamá-los de **blufo**.

Para o informante 41, *“xingamento que quase nunca uso é **moka**, porque perdi o costume desde criança. Na infância sempre que usava a expressão era repreendido”*. Nota-se nessa fala que repreensões sociais, mesmo em tenra infância, podem fazer com que o falante em questão perca o hábito de fazer certos usos. A ação proibitiva envolta ao tabu também pode ser observada na fala da informante 28: *“**xironeta** não usei nunca por não ter esse privilégio até o momento e o contexto onde vivo não permite o emprego dessa palavra”*. O item **xironeta**, traduzido como ‘clitóris’, é uma palavra recentemente criada a partir da palavra **tchiron** [‘clitóris’].

Na questão seguinte (*Que xingamento você mais ouve os colegas usarem na Unilab? O que você acha disso?*) observamos um ponto já abordado anteriormente: o uso frequente da expressão **pati puntu** ou **puntu** apontado pelos guineenses entrevistados, sobretudo pelos alunos veteranos. Entre as respostas, destaca-se o fato de que os informantes alegam que o uso da expressão é feito por veteranos com relação aos guineenses recém-chegados, sendo um tipo de preconceito de acordo com os relatos, a exemplo do informante 26: “*As palavras desconstrução e ‘puntu’ são aquelas que os colegas mais usam na Unilab. Desconstrução se usa quando você fala de uma coisa, aí os colegas começam a dizer: “você deve desconstruir.” Já **puntu** se usa quando você erra no momento que tá a fazer algo, aí eles começam a dizer: **puntu**”*. O informante 22 também cita a expressão **puntu**: “*o xingamento mais frequente na Unilab acontece quando uma pessoa recém chegada começa a falar, os outros decidem: ‘e pati puntu [‘passar vergonha ou se humilhar’]*”. Constatou-se que muitos informantes escutaram esta expressão, pela primeira vez, na Unilab. De acordo com os relatos, concluiu-se que a expressão **puntu** é usada de uma forma pejorativa para inferiorizar o outro, possivelmente, por se tratar de uma correção dirigida a alguém, passou a ser compreendida como ofensa, logo um xingamento.

Outras respostas apontam a já mencionada influência do contato com o português brasileiro nas falas dos estudantes guineenses da Unilab, como o informante 10 que diz ouvir mais expressões como “*tomar no cu, vai se foder eu acho que é mau, mas também depende das circunstâncias ou do que causou aquilo*” e o informante 30 que afirma ouvir “*puta que pariu*” que seria uma expressão mais comum no Brasil segundo ele. Já o informante 23 salienta: “*merda/bai merda, um dos xingamentos que mais oiço na Unilab e acredito que já ‘esta’ soando ‘normal’ para alguns, estou feliz por isso*”. Já o informante 28 alega ouvir com frequência: “*M’bruta di kunu [“ter vagina grande”] e m’bruta di kadera [“ter bunda grande”]*”. O informante 28 defende o uso, justificando-o como “*normal, pois alguns desses xingamentos estão a se perder com o tempo*”.

A questão posterior no questionário foi proposta da seguinte maneira: *Na sua opinião, quem xinga mais em kriol a mulher ou homem e por que você acha isso?* As respostas indicaram quatro abstenções, sete informantes afirmaram não haver diferença entre as categorias mencionadas como apontado pelo informante 25: “*Como sou homem e convivo mais com meus companheiros homens, acabo escutando mais deles, mas ambos [os sexos] xingam*”. Tal afirmação foi corroborada por outros informantes: “*Há um número considerável de xingamentos por ambas as partes, mas isso não atribui a nenhuma parte uma maior percentagem nesta prática* Informante 36”; “*Entre os dois gêneros, é muito difícil dizer quem*

xinga mais, pois é uma coisa relativa... Às vezes, o homem xinga e, em outras, mulheres, depende das situações e dos momentos". Um informante demonstrou não ter uma opinião absoluta quanto à questão: *"Não tenho opinião quem xinga mais, acho que xingar é uma questão social e psicológica, portanto não sei dizer quem xinga entre homens e mulheres"*. Ademais, dezesseis pessoas apontam as mulheres como as que mais xingam, dentre as 16, dez informantes são mulheres e, por fim, vinte dois informantes afirmam ser os homens que mais xingam, dentre os 22, doze entrevistados são mulheres.

Quanto às respostas que atribuem às mulheres o hábito de xingar mais, alguns relatos se destacaram como o do informante 41 que explica a razão de as mulheres liderarem o uso do tabu: *"As mulheres porque são as mais impetuosas, tanto que em situações de raiva, xingam com facilidade"*. De modo semelhante, o informante 40 explica: *"A mulher, porque ela dificilmente entra em confronto físico, mas sim verbal"*. De acordo com estas duas afirmações, as mulheres, supostamente por falta de força física e/ou pelo hábito do não confronto corpo a corpo, recorrem, por isso, aos ataques verbais, xingando mais em relação aos homens. Outros informantes acreditam que as mulheres xingam mais não por razões de ordem física, mas por falarem muito, ampliando-se assim a frequência dos xingamentos como apontam as informantes 15 (*"Na minha opinião, as mulheres xingam mais em crioulo, porque as mulheres falam muito"*) e 30 (*"Acho que são as mulheres porque falam mais então há tendência de xingar"*). Para esses informantes, falar mais é sinônimo de xingar. Outro informante (29) acredita que as mulheres falam mais itens tabuízados, mas salienta uma característica relacionada aos itens usados pelos homens: *"Acredito que a mulher xinga mais, porém o xingamento do homem é o pior, é mais pesado"*. Em contrapartida, para os informantes que defendem os homens como aqueles que mais xingam, as razões podem começar pela falta de convivência com o sexo oposto, as mulheres (Informante 16 - *"Eu acho os homens, talvez seja porque passo mais tempo com os homens do que as mulheres"*), passando por uma tradição notadamente sexista e generalizante (Informante 23 - *"Homem xinga mais, porque é 'normal', a mulher não deve xingar. Os xingamentos que conheço são mais na direção 'de homem para mulher'"*/ Informante 14 - *"Pra mim, acho que são os homens, porque eles gostam de usar as palavras que machucam."*/ Informante 33 - *"homem, porque são eles que costumam usar má expressão, seja com mulher ou com os colegas"*/ Informante 46 - *"Na minha opinião o homem xinga mais em crioulo, porque são estúpidos"*. Na perspectiva apontada pela informante 46, quem xinga é supostamente uma pessoa estúpida ou rude.

Dando prosseguimento à análise, na penúltima questão, buscamos compreender em que situações a pessoa é impulsionada a xingar (*Em que situações de conversa, você acha que uma*

peessoa pode xingar? Por quê?). Desse modo, oito pessoas acharam que o xingamento pode acontecer no momento de conflitos ou brincadeiras com pessoas muito próximas ou íntima

Informante 30 - “*Em situações em que a pessoa fica brava e descontrolada, em situações de ‘um simples brincadeiras’ entre jovens*”/ Informante 41 - “*Em situações de irritação ou de convivência com pessoas íntimas... Porque uma pessoa irritada, muitas vezes, perde controle de si mesmo, aí pode falar qualquer coisa*”/ Informante 29 - “*Pode acontecer nas brincadeiras quando os envolvidos têm uma certa amizade ou no momento de briga mesmo*”).

Encontramos também informantes que acham que, em momento algum, devem ser proferidos xingamentos, pois não são apropriados ou adequados para uso, como o informante 1 (“*Em nenhuma situação, pois acho desnecessário proferir uma palavra que causa constrangimento ou que diminua alguém*”), o informante 39 (“*Não consigo encontrar situações, porque são inapropriados em ‘qualquer circunstâncias’.*”) e o informante 14 (“*Em nenhuma situação de conversa, eu acho que uma pessoa pode xingar, porque acho que é falta de educação*”). Por outro lado, houve quem achasse que xingamento não precisa ter um momento para uso, podendo ser utilizado quase sempre (Informante 36 - “*Em qualquer que seja a situação da conversa, a pessoa pode xingar, porque não há momento exato*”/ Informante 09 - “*Não existe momento adequado para xingamento*”).

Para outros informantes, a questão não é a palavra em si como defende o informante 41: “*Para mim xingamento, tem mais a ver com a forma como a pessoa fala, tom de voz*”. Segundo esse informante, xingamentos não são apenas palavras ou expressões consideradas rudes, mas a forma como a pessoa vai falar, a intensidade de voz, tudo isso pode não ser “suave” e talvez cause constrangimentos. Um total de vinte e três pessoas responderam que os xingamentos geralmente aparecem, em situações de tensões, de discórdias, brigas, exaltações dos ânimos e raiva.

Por fim, a décima e última questão desse ciclo de perguntas da pesquisa foi: *Em que situações de conversa você acha que seria inadequado ou errado xingar? Por quê?* Algumas respostas revelaram uma postura condenatória em relação aos xingamentos, alegando que qualquer momento é inadequado para xingar (Informante 39 - “*Em qualquer circunstância, sendo que a empatia é uma ferramenta moral para todos*”/ Informante 14 - “*Acho que ‘em todos os momentos são inadequado’ para xingar, porque o xingamento inferioriza os outros*”/ Informante 41 - “*Para mim, nenhuma situação é adequada para xingar. Porque para mim não é bom que alguém xingue outrem ou mesmo quando [o xingamento] não é direcionado a ninguém*” / Informante 31 - “*Em nenhum momento porque o que é normal para mim pode ser ofensivo para outro*”). Outras pessoas defendem que não sejam falados xingamentos em

determinadas circunstâncias como em igrejas, debates, reuniões (Informante 50 - *“Numa situação normal. Por exemplo, não posso xingar alguém num ambiente normal, se for num momento informal, tipo briga aí sim”* / Informante 10 - *“Não seria adequado xingar em um pedido de conselho, numa participação na aula, reza ou numa conversa séria”*).

Outros acham que momentos inoportunos para xingar são as situações de exaltação dos ânimos, momentos de raiva ou de briga, pois nesse momentos a pessoa pode proferir palavras que mais tarde se arrependerá (Informante 36 - *“No momento da raiva, nervo, porque é um momento muito difícil para com a pessoa que pode ser alvo de xingamento, uma vez que o mesmo acaba a complicar a situação”*)/Informante 12 - *“No momento de raiva porque ‘muita vezes’ depois acabam por se arrepender dos xingamentos feitos.”*).

Por fim, houve respostas que indicam que os xingamentos não devem ser empregados diante de crianças para que elas não aprendam palavras “inadequadas”, na frente de idosos e de pessoas com as quais não se tem intimidade (Informante 13 - *“No meio de várias pessoas, acho pesado usar xingamentos ou quando estiver com a pessoa mais adulta que você”* / Informante 25 - *“Em conversas menos íntimas. É preciso um certo nível de intimidade para ter xingamento.”* / Informante 8 - *“Em situações familiares, em contextos formais, e quando estamos junto com menores. Porque influencia as crianças negativamente”*. / Informante 23 - *“Quando estamos com alguém que não temos intimidade ou pessoas mais velhas (conservadoras), porque não xingar nestes momentos evita o constrangimento”*.)

Após uma interpretação quantitativa dos dados seguida dessa breve análise qualitativa, adiante serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo precípua do estudo foi compreender alguns traços linguísticos e sociais por trás dos tabus em guineense. Assim, a partir da análise do *corpus* do trabalho resultante das respostas levantadas através de questionários aplicados a estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), *campus* Malês, constatou-se que o fenômeno do tabu linguístico tem impacto na escolha ou na rejeição dos informantes com relação aos itens lexicais com referência a sexo (tais como órgãos sexuais masculino e feminino, por exemplo). Através dos dados analisados da pesquisa, observamos que os tabus linguísticos em guineense condicionam a diminuição do uso de alguns vocábulos como também levam ao emprego de novos itens e/ou à extensão semântica das palavras já existentes na língua (Cf. VIARO, 2011).

Para fins de análise, a pesquisa contou com a colaboração de cinquenta alunos, entre 20 a 32 anos, guineenses, residentes na Bahia. Do total de colaboradores (50), vinte e quatro foram mulheres (48%) e vinte e seis, homens (52%). No tocante à identificação do curso de graduação do qual o informante é aluno, os cursos foram os seguintes em ordem decrescente de representação numérica: Ciências Sociais (catorze participantes - 28%), Letras (onze participantes - 22%), Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BIH) (dez participantes - 20%), Pedagogia (sete participantes - 14%), Relações Internacionais (cinco participantes - 10%), História (um participante - 2%), e Curso não declarado (2 participantes - 4%). Ainda sobre o perfil social, os 50 informantes foram classificados também consoantes às religiões professadas e declaradas nos questionários. Desse modo, trinta e três informantes se declararam cristãos (48%), oito entrevistados são muçulmanos (16%), um informante declarou seguir uma religião tradicional africana (carga cabaz) (2%). Ademais, sete não declararam sua filiação religiosa (14%) e uma pessoa se declarou ateu (2%). Embora acreditássemos ser provável que crenças e religiões pudessem fomentar ou coibir o uso dos itens ditos tabus por serem considerados ‘constrangedores’ e/ou ‘desrespeitosos’, não houve tempo hábil de realizar o cruzamento da identidade religiosa com o comportamento linguístico com relação ao tabu de cunho sexual, o que será feito em pesquisas futuras.

Como resultados gerais, de acordo com os dados obtidos, para a referência às nádegas, **rabada** foi a forma prioritária para 40 informantes (80%), seguida pelo item **bunda** com 12% (6 informantes). Os dois primeiros lugares (**rabada** e **bunda**) reaparecem em conjunto no terceiro, posto que são citados como formas de uso simultâneo com 6% (3 pessoas) e, por fim, temos **kadera**, preferência de um colaborador (2%).

É relevante destacar que o segundo lugar ocupado pelo item **bunda** não era esperado, haja vista que os falantes de guineense, residentes em Guiné-Bissau, em geral, costumam considerar a palavra mencionada mais “ofensiva” e “constrangedora”, sendo mais usual o termo **rabada**. A ascensão na preferência dos entrevistados pelo vocábulo **bunda** pode estar associada à contiguidade dos colegas estudantes brasileiros cuja preferência lexical para ‘nádegas’ notadamente é a palavra supracitada. Além disso, enquanto é comum em Portugal, usar o termo *rabo* para referência às nádegas, no Brasil, o termo, embora usado, é considerado rude por ser mais utilizado com referência à anatomia animal, sendo, por isso, de uso mais restrito se comparado ao termo **bunda**. Nesse sentido, é provável que tal percepção brasileira possa também ter influenciado o uso do item **bunda** individualmente (12%) e simultaneamente com outra forma (6%) como apontou um colaborador: *“usava muito rabada porque aprendi que se dissesse bunda é xingamento. Então, vivendo aqui no Brasil, passei a ter mais familiaridade com o termo bunda e passei a usar a palavra tranquilamente.”*

Com relação à referência ao órgão sexual feminino, **kunu** ficou em primeiro lugar (20 informantes - 40%); em segundo, temos **pampana** (18 informantes - 36%); **katota** teve a preferência de 3 pessoas (6%), um informante (2%), por seu turno, usaram duas formas simultaneamente, **pampana** e **katota**, **kunu** e **pampana**. Para mais, outras palavras foram citadas como **femeandadi** (dois informantes - 4%), **bunda**, **katchora**, **putinani**, **mindjerdadi** correspondendo a 8% no total, somados. **Katchora** e **putinani** [‘vagina’] são exemplos de formas neológicas em guineense, tendo em vista que não são ou não eram, até certo tempo, formas usadas com relação ao órgão sexual feminino, por isso não registradas em dicionários (SCANTAMBURLO, 2002) com esse significado.

Para referência ao órgão sexual masculino, **pipixu** foi a forma mais citada com 36% (18 informantes), seguida por **kodjon** com 32% (16 pessoas), em terceiro, tem-se **obu** com 22% (11 pessoas), seguido de **matchundade** com 4% (duas pessoas). Houve também casos de uso simultâneo de duas formas: **pipixu** e **obu** com 4% (2 pessoas) e os itens **kodjon** e **obu**, com 2% (1 pessoa).

Por fim, quanto à referência ao ato sexual, vinte e um informantes preferem **fasi sexo** (42%), seguido por **moka**, usado por dezessete colaboradores (34%), em terceiro lugar, está **dita ku alguin** com 10% (5 informantes). O uso simultâneo também se mostrou relevante para três informantes que empregam em paralelo as formas **moka** e **dita ku alguin**, **fasi amor** e **dita ku alguin**), perfazendo um total de 6%. Três informantes individualmente afirmaram usar as expressões **fasi amor**, **fasi macardesa** e **relação sexual**, o que equivale em soma a seis por cento. Por fim, um informante preferiu não especificar a expressão utilizada (2%).

De maneira geral, os relatos dos informantes repetidamente indicaram a importância dos elementos envolvidos em uma situação de fala para o uso do tabu. Assim, para os entrevistados, majoritariamente, há uma tese de que palavras isoladas não são, em geral, xingamentos, contudo passam a ser percebidas desse modo conforme o contexto em que tais palavras estão inseridas, a circunstância de fala (formal ou informal) e o interlocutor (íntimo ou não íntimo). Portanto, circunstâncias informais e interlocutor próximo ou íntimo favorecem o uso do tabu, ao passo que circunstâncias formais e a identidade desconhecida ou não íntima do interlocutor desfavorecem o emprego do tabu.

Outro fato de destaque é que, embora tenhamos encontrado nos relatos de alguns informantes, uma rejeição quase absoluta (no discurso) com relação ao uso de itens ditos “xingamentos” (*“para mim são palavras fortes que não deveriam ser usadas [...] são palavras que não me ‘identifica’ como pessoa” / “Em nenhuma situação de conversa, eu acho que uma pessoa pode xingar, porque acho que é falta de educação”*), esses informantes, supostamente mais refratários aos tabus, fazem o emprego das palavras tabuízadas. Esse resultado nos aponta que há usualmente um abismo entre o que o informante revela pensar ser o mais “correto” (não usar termos ditos xingamentos) e o que de fato acontece nos seus registros de fala no que diz respeito ao tabu.

Os momentos mais propícios ao uso do tabu, segundo os falantes de guineense analisados, foram primordialmente situações de tensão e alteração dos ânimos como sentimentos de alegria ou de tristeza exacerbada ou de raiva em confrontos físicos ou verbais. Contudo, outros informantes defendem que se evite “xingar” em momentos de raiva ou de briga sob risco de arrependimento posterior. Os contextos considerados não condicionantes ao uso do tabu linguístico, por sua vez, estão relacionados às esferas públicas formais como igrejas, debates e reuniões.

Embora não tenha sido possível observar uma distinção definida entre homens e mulheres no quesito “quem ‘xinga’ mais”, pois ambos demonstraram fazer uso de termos tabuízados de maneira similar, notamos que as palavras e expressões compreendidas como “xingamentos”, em sua maioria, possuíam como alvo representações relacionadas ao sexo feminino. Importante salientar que tal alvo não esteve circunscrito aos homens, uma vez que ambos os sexos usaram expressões tabuízadas com referência à mulher.

Como possíveis encaminhamentos para a pesquisa, planeja-se a realização de cruzamentos dos dados sociais com os dados linguísticos obtidos, a fim de se compreender melhor o fenômeno junto aos falantes de guineense da Unilab. Considerando que, neste estudo, o tabu em guineense foi, pela primeira vez, foco de uma pesquisa de natureza linguística,

esperamos que o trabalho, embora incipiente diante da complexidade do fenômeno e do *corpus* de pequena escala numérica, possa ensejar outras pesquisas sobre a temática, tendo como objeto, em especial, o guineense.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Laura de. Os tabus lingüísticos e a abordagem da diversidade cultural no ensino da língua portuguesa. Departamento de Lingüística – Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo – SP – Brasil, 2007.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. Tabus Linguísticos nas Capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolingüísticos. 2012. Dissertação (mestrado em estudos de linguagens). – Centro de Ciências Humanas e Sociais Departamento de Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS.
- CHAPOUTO, Sandra Maria da Costa. Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.
- COSTA, Paula Mendes. Descrição fonológica do crioulo guineense. 242 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- COUTO, Hildo Honório. O Crioulo Português da Guiné Bissau. Hamburg: Buske, 1994.
- FERNANDES, Tamara Grisolia. Língua como instrumento de ou estratégia de política de nos países de língua portuguesa. **Geo-paisagem** (on line). 2010.
- FREITAS, Shirley. Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu. 2016. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GUÉRIOS, R. F. Mansur. **Tabus Linguísticos**. Universidade da Virgínia: Companhia Editora Nacional, 1979.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MAPA DA GUINÉ-BISSAU. Disponível em: <<https://pt.mapsofworld.com/guinea-bissau/>>. Acesso em 10 de jun. 2019.
- MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007.
- VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- VILAÇA, Maria Giselda da Costa. Tabus linguísticos na publicidade brasileira. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do guineense, volume II – Dicionário guineense – português**. Bissau/Bubaque: Edições FASPEBI, 2002.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Venho, através deste, solicitar a sua ajuda na minha pesquisa para o meu TCC com o tema: **Tabus Linguísticos no Guineense moderno: xingamentos**, sua contribuição vai ser por meio de respostas a este questionário. Por isso é necessário ler esse termo antes de participar.

Sua contribuição será fundamental para o bom desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso de Letras/Língua Portuguesa. No questionário, você vai encontrar palavras e frases que podem gerar constrangimentos, mas você só responderá se estiver de acordo em ajudar. Sua identidade será mantida em sigilo e jamais será divulgada, por isso não será necessário se identificar. Caso não queira ajudar, sua decisão será respeitada.

Já peço desculpas antecipadamente por qualquer desconforto causado na aplicação do questionário. Nossa pesquisa tem o desejo de analisar esses sentimentos de maneira científica em prol de entendermos melhor como cada falante reage e lida com essas palavras consideradas “palavrões”.

IDADE			
SEXO	Masculino	Feminino	Outros
RELIGIÃO			
NACIONALIDADE			
CURSO			

1. Entre as palavras abaixo, qual delas você prefere usar? E por quê?

Bunda (), Rabada() e kadera ()

R: _____

 _____.

2. Marque com X a palavra que usa para denominar o órgão sexual feminino e o órgão sexual masculino em crioulo: Por quê?

Kunu () Pampana () katota () () outro (especifique na resposta)

R: _____

_____.

Kodjon () Obu () Pipixu () () outro (especifique na resposta)

R: _____

_____.

3. Marque com X a expressão que você usa para se referir ao ato de manter a relação sexual e justifique o porquê:

Moka () Fassi sexo () Dita ku alguin () () outro (especifique na resposta)

R: _____

_____.

4. Embaixo escreva as palavras que achar que é xingamento, podendo ser as já mencionadas no questionário e/ou qualquer outra que conhecer:

R: _____

_____.

a) Por que as considera xingamento?

R: _____

_____.

5. Que xingamento você mais usa em crioulo?

R: _____

_____.

6. Que xingamento você nunca usa e por quê?

R: _____

_____.

7. Que xingamento você mais ouve os colegas usarem na Unilab? O que você acha disso?

R. _____

8. Na sua opinião, quem xinga mais em kriol a mulher ou homem e por que você acha isso?

R. _____

9. Em que situações de conversa, você acha que uma pessoa pode xingar? Por quê?

R. _____

10. Em que situações de conversa você acha que seria inadequado ou errado xingar? Por quê?

R. _____
